

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BRUNA MARIA DE SOUZA

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A DEPRESSÃO:
POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO A PARTIR DA METAPSICOLOGIA
FREUDIANA

Maringá
2018

BRUNA MARIA DE SOUZA

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A DEPRESSÃO:
POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO A PARTIR DA METAPSICOLOGIA
FREUDIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do sujeito e historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Honda

Co-orientador: Prof. Dr. Marco Antonio R. Teixeira

Maringá
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Souza, Bruna Maria de

S729r Reflexões psicanalíticas sobre a depressão:
possibilidades de compreensão a partir da
metapsicologia freudiana/ Bruna Maria de Souza. --
Maringá, 2018.

82 f., il..

Orientador: Prof. Dr. Helio Honda.
Coorientador: Prof. Dr. Marco Antonio R.

Teixeira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Programa de Pós-graduação em Psicologia, 2018.

BRUNA MARIA DE SOUZA

Reflexões psicanalíticas sobre a depressão: possibilidades de compreensão a partir da metapsicologia freudiana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Hélio Honda
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Profa. Dra. Eliane Domingues
PPI/Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Daniel Polimeni Mairano
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Aprovado em: 28 de março de 2018.
Local da defesa: Bloco 118 – sala de vídeo, Campus da UEM.

Eu, que nada mais amo
Do que a insatisfação com o que se pode mudar
Nada mais detesto
Do que a insatisfação com o que não se pode mudar
Bertolt Brecht (1967)

Reflexões psicanalíticas sobre a depressão: possibilidades de compreensão a partir da metapsicologia freudiana

RESUMO

Diante de um cenário social contemporâneo no qual muito se fala a respeito da depressão, este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão metapsicológica a respeito dos possíveis fatores causais da depressão. Para tanto, partimos da definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o que se entende por depressão nos dias de hoje, segundo a qual encontrar-se-ia em seus diferentes graus uma incapacidade de base, seja para o trabalho, o estudo, a vida amorosa etc. Uma reflexão metapsicológica acerca do fator incapacitante de base das depressões levou-nos a compreendê-lo como dificuldades no investimento (inibição) libidinal em objetos potencialmente satisfatórios. Tal aproximação metapsicológica permitiu prosseguir nossas reflexões com o auxílio da noção de frustração (*Versagung*) libidinal e a consideração dos fatores aí intervenientes, mediante a retomada da fórmula freudiana das séries complementares. A equação etiológica freudiana ou séries complementares possibilita equacionar em uma perspectiva conjugada possíveis fatores causais (constitucionais e experienciais) que explicariam a configuração de diferentes quadros de sofrimento psíquico, em particular as depressões. Assim, a partir desta equação, a depressão pôde ser compreendida enquanto resultado da conjugação de elementos pulsionais e experienciais (ou vivências atuais). Tais elementos pulsionais buscamos esclarecer pela noção de frustração libidinal que nos possibilita conceber diferentes graus de inibição ou de incapacidade de investimento libidinal, o que permitiria compreender os diferentes graus em que se manifesta o quadro depressivo, desde um quadro de depressão leve (neurótica) até um mais grave, como Freud considera a melancolia. Já quanto aos elementos experienciais, a partir do conceito de objeto da pulsão apresentamos uma proposta de leitura metapsicológica acerca das possíveis influências exercidas pelo cenário social contemporâneo, assim como por quais maneiras, possivelmente, os arranjos sociais na contemporaneidade podem desempenhar algum papel no desencadeamento da depressão. As considerações aqui apresentadas possibilitaram-nos iniciar uma discussão e levantar algumas questões (a serem investigadas em trabalhos posteriores): 1) Podem os excessos na oferta de objetos potencialmente promotores de satisfação no mundo contemporâneo constituir em fatores atuais desencadeantes da frustração libidinal, dado o ritmo acelerado com que são substituídos por novos objetos, acompanhados da promessa de maior satisfação, resultando, não obstante, em uma espécie de debilidade libidinal crônica? 2) Como explicar a primariedade do estado psíquico de indivíduos cujo investimento libidinal parece “refém” de objetos e promessas infundáveis de satisfação como antes mencionadas? 3) Que tarefa caberia à psicanálise diante desse estado de coisas psicossocial?

Palavras-chave: Depressão. Metapsicologia freudiana. Psicanálise. Contemporaneidade.

Psychoanalytic reflections on depression: possibilities of understanding from the
Freudian metapsychology

ABSTRACT

Faced with a contemporary social scene in which much is said about depression, this paper aims to propose a metapsychological reflection on the possible causal factors of what is meant by depression. To do so, we start from the definition of the World Health Organization (WHO) on what is meant by depression these days, in which there would be different degrees of incapacity for work, study, love life etc. A metapsychological reflection on the underlying disabling factor of depressions has led us to understand it as difficulties in libidinal investment (inhibition) in potentially satisfying objects. Such a metapsychological approach allowed us to continue our reflections with the help of libidinal frustration (Versagung) and the consideration of the intervening factors, through the resumption of the Freudian formula of complementary series. The Freudian etiological equation or complementary series makes it possible to equate in a combined perspective possible causal factors (constitutional and experiential) that would explain the configuration of different frames of psychic suffering, in particular the depressions. Thus, from this equation, depression could be understood as a result of the combination of both experiential and experiential elements. These impulsive elements seek to explore the notion of libidinal inhibition that allows us to verify the possibility of different degrees of inhibition or incapacity of libidinal inversion, from a picture of mild (neurotic) depression to a more serious one, as Freud considers melancholia. As for the experiential elements, from the concept of object of the drive we present a proposal of a metapsychological reading about the possible influences exerted by the contemporary social scene, as well as in what ways, possibly, the social arrangements in the contemporaneity may play some role in the triggering of the depression. The considerations presented here enabled us to initiate a discussion and raise some questions (to be investigated in later works): 1) Can excesses in the supply of potentially satisfying objects in the contemporary world constitute current factors triggering libidinal frustration, given the accelerated rhythm with which they are replaced by new objects, accompanied by the promise of greater satisfaction, nevertheless resulting in a kind of chronic libidinal weakness? 2) How can we explain the primacy of the psychic state of individuals whose libidinal investment seems to be "hostage" to objects and endless promises of satisfaction as mentioned above? 3) What task would it be for psychoanalysis to face this psychosocial state of affairs?

Keywords: Depression. Freudian metapsychology. Psychoanalysis. Contemporaneity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	22
SOBRE O FATOR INCAPACITANTE PRESENTE NA BASE DA DEPRESSÃO: UMA APROXIMAÇÃO METAPSICOLÓGICA.....	22
1.2 Tentativa de aprofundamento conceitual no esclarecimento do fator incapacitante da depressão: fatores externos e internos na produção da frustração libidinal	25
CAPÍTULO II.....	29
A ARTICULAÇÃO ENTRE COMPONENTES PULSIONAIS E EXPERIENCIAIS COMO SÉRIES COMPLEMENTARES: POSSÍVEL CONTRIBUIÇÃO DO MODELO FREUDIANO PARA A COMPREENSÃO DA ETIOLOGIA DAS DEPRESSÕES	29
2.1 As implicações da fixação e da regressão no desenvolvimento psicosexual e possibilidades de aproximação com o quadro depressivo	29
2.2 Fatores disposicionais e fatores experienciais da frustração libidinal à luz da concepção freudiana das séries complementares	35
CAPÍTULO III	42
CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMPONENTE DISPOSICIONAL DA SÉRIE COMPLEMENTAR: GRAUS DE INIBIÇÃO LIBIDINAL E SEU PAPEL NA ETIOLOGIA DA DEPRESSÃO	42
3.1 Esclarecimentos preliminares sobre o componente disposicional e algumas modalidades possíveis de inibição libidinal	42
3.2 Inibição por precaução: a inibição enquanto alternativa diante do medo do sofrimento	44
3.3 Duas formas de Inibição por empobrecimento pulsional.....	49
3.3.1 Inibição por empobrecimento pulsional decorrente do superinvestimento libidinal ou da idealização do objeto	50
3.3.2 Uma forma mais grave de inibição por empobrecimento pulsional: a regressão egóica e a identificação com o objeto perdido no modelo da melancolia	51
CAPÍTULO IV.....	56
O COMPONENTE EXPERIENCIAL SOB A ÓTICA DAS SÉRIES COMPLEMENTARES: TENTATIVA DE EXPLICAÇÃO METAPSICOLÓGICA SOBRE O PAPEL DAS INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS NO DESENCADEAMENTO DA DEPRESSÃO.....	56
4.1 Alguns aspectos da condição sociocultural contemporânea e seu papel etiológico nas séries complementares	57
4.1.1 Breve caracterização de alguns aspectos socioculturais de hoje.....	57

4.1.2 Possibilidade de considerar metapsicologicamente o papel das influências sociais na depressão: o objeto da pulsão e o componente experiencial das séries complementares.....	61
4.1.3 As influências sociais localizadas nas séries complementares.....	65
4.2 (In)Satisfação pulsional no cenário social contemporâneo e possíveis implicações subjetivas .	68
4.3 Considerações metapsicológicas acerca das possíveis implicações psíquicas das relações objetais contemporâneas.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS	82

INTRODUÇÃO

A depressão é tida como um sofrimento dos mais preocupantes na atualidade, sendo que uma das questões que parecem mais chamar a atenção refere-se justamente às dificuldades em relação ao que fazer frente a ela, demonstrando que, por mais que se fale, escreva, diagnostique, não parece haver previsão de controle sobre sua incidência.

No que se refere a números, em fevereiro de 2017, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou alguns dados¹ a respeito da depressão em nível mundial. Segundo informações publicadas pelo Correio Braziliense,

O Brasil tem a maior taxa de pessoas com depressão na América Latina e uma média que supera os índices mundiais. Dados publicados nesta quinta-feira (23/2), pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que 322 milhões de pessoas pelo mundo sofrem de depressão, 18% a mais do que há dez anos. O número representa 4,4% da população do planeta. No caso do Brasil, a OMS estima que 5,8% da população nacional seja afetada pela depressão (2017, disponível online).

Considerando, em uma escala mundial, um aumento de 18% no número de pessoas que sofrem de depressão, o que esse dado poderia estar nos dizendo a respeito de nossa configuração social? Quais seriam os possíveis fatores que estariam contribuindo para que o sujeito seja acometido pela depressão? Esse tipo de questionamento parece pertinente, sobretudo, se se leva em conta o fato de estarmos vivendo em tempos nos quais o desenvolvimento da ciência e da tecnologia médica nos faz acreditar na capacidade de controle de dimensões da vida humana, que no passado não se imaginava.

Talvez devido à preocupação com o seu alastramento crescente, verificam-se diferentes tentativas de explicação e propostas de ação terapêutica visando amenizar o sofrimento ocasionado pela depressão. Entre diferentes propostas, são notáveis as diferenças de posicionamento quanto ao entendimento da sua etiologia e alternativas de tratamento. Por exemplo, segundo Beck e Alford (2011),

¹ No que se refere a tais dados, mostra-se pertinente fazer uma leitura que vise questionar esse aumento mencionado de pessoas consideradas com depressão. Nesse sentido, a fim de complementar esta reflexão, sugere-se a matéria “A epidemia de doença mental” da edição 59 da Revista Piauí (Angell, 2011). Recuperado em 21 fev 2018, de <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-epidemia-de-doenca-mental/>

Não existem respostas universalmente aceitas para essas perguntas. Na verdade, há uma nítida discórdia entre os clínicos e os investigadores que escreveram sobre depressão. Há considerável controvérsia quanto à classificação da depressão, e alguns escritores não vêem justificativa para utilizar essa categoria nosológica. A natureza e a etiologia da depressão estão sujeitas a opiniões ainda mais divididas. Algumas autoridades afirmam que a depressão é, sobretudo, um transtorno psicogênico; outras asseveram que ela é causada por fatores orgânicos. Um terceiro grupo defende o conceito de dois tipos diferentes de depressão: um psicogênico e outro orgânico (p. 14).

Dessa forma, diferentes alternativas de explicação para a depressão podem ser consideradas conforme o posicionamento teórico. Na perspectiva de uma das abordagens do fenômeno, a depressão pode ser compreendida como um transtorno psicogênico, ou seja, um sofrimento cuja origem se dá por questões psíquicas. Outra possibilidade que se mostra é a de entender a depressão como determinada por fatores orgânicos, o que restringe a uma visão mais neurofisiológica do quadro da depressão. E, por fim, ainda há a possibilidade de se pensar a depressão como classificada em dois tipos diferentes: um tipo psicogênico e um tipo orgânico. Considerando, portanto, a existência de uma pluralidade de perspectivas na consideração da depressão, a fim de contextualizar teoricamente o problema desta pesquisa, dentre as linhas gerais indicadas pelos autores acima citados, discutiremos brevemente algumas das abordagens existentes.

No que se refere a uma leitura organicista da depressão, esta encontra-se sobretudo em manuais de psiquiatria. É na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-V), lançado em maio de 2013, que se encontra a compreensão considerada referência a respeito da depressão na sociedade contemporânea. Nomeada também como Transtorno Depressivo Maior (TDM), a depressão passa a se apresentar no diagnóstico psiquiátrico desde que cinco ou mais sintomas entre os listados se mostrem presentes por, no mínimo, duas semanas.

Desses cinco sintomas necessários para a atribuição do diagnóstico da depressão, pelo menos um deles deve ser: 1) humor deprimido ou 2) perda de interesse ou prazer. Após esses dois sintomas considerados mais importantes, seguem os demais relevantes, porém não fundamentais para o quadro da depressão: perda ou ganho de peso significativo sem estar em dieta; insônia ou hipersônia quase que diariamente; agitação ou retardo psicomotor; sentimento de inutilidade ou culpa excessiva; e, por fim, capacidade diminuída de pensar ou concentrar-se ou indecisão, além de pensamentos de morte recorrentes (Duailibi & Silva, 2014).

Verifica-se, portanto, que a respeito do primeiro sintoma considerado fundamental para o quadro da depressão - humor deprimido -, o próprio humor é qualificado como sendo deprimido, permitindo identificar uma circularidade na tentativa de se definir e caracterizar a depressão. Ainda no que diz respeito a essa perspectiva organicista, dado esse entendimento da depressão, vale ressaltar que o tratamento químico, mediante o manejo de psicofármacos, mostra-se como alternativa apropriada, já que a suposição é a de que tais sintomas resultariam de perturbações nos processos fisiológico-químicos do cérebro.

Além da abordagem psiquiátrica, abordagens culturalistas compreendem que, mais importante do que buscar conhecer as causas de uma doença ou sofrimento, é necessário buscar compreender o que se pretende dizer quando se faz uso do termo em questão. Desse modo, atentar para uma escuta da cultura, não apenas das palavras que remetem a sintomas, pode contribuir para se compreender melhor o sofrimento de um indivíduo. O antropólogo Gilberto Velho (2008), por exemplo, acredita que a noção de depressão, apesar de não ser exclusiva, com frequência mostra-se vinculada a uma camada média brasileira mais intelectualizada e, de certa maneira, “psicologizada”. A respeito disso, o antropólogo afirma ainda que

[...] Existem trajetórias e experiências sociais mais ou menos delimitadas socialmente que produzem universos que utilizam com mais frequência ou elaboram certas expressões, frases, cujo sentido está fortemente vinculado e marcado por essas fronteiras sociológicas. Ou seja, a expressão *estar deprimido* pode não fazer sentido para certas categorias sociais que têm seus universos simbólicos e representações mais apoiados em outros tipos de linguagem e em outros domínios culturais [...]. Nesse universo, a pessoa pode estar deprimida, neurótica, rejeitada, obcecada, paranóica, descontrolada, instável, louca, com mania de perseguição, pirada, em crise, angustiada etc. Isso não exclui que o mesmo universo que possa ter um vocabulário relativamente pobre quanto à descrição de estados emocionais possa, por outro lado, expressar-se verbalmente com muita riqueza em relação a outros temas como trabalho, sexualidade, esporte, samba etc. (Velho, 2008, p. 21, grifo do autor).

Ainda de acordo com uma perspectiva culturalista quanto à depressão e suas implicações, Horwitz e Wakefield (2010) consideram que

os mecanismos de reação à perda são programados para reagir de acordo com conceitos de status, vínculos afetivos e objetivos importantes definidos culturalmente; assim, a distinção entre reações normais e patológicas à perda deve levar em conta os sistemas culturais de significação. A cultura também influencia o modo como as pessoas aprendem a expressar a tristeza e a depressão (p. 227).

Pensar a depressão, portanto, a partir de uma leitura culturalista ou sociológica, exige que se considere não apenas fatores psíquicos ou orgânicos do sujeito, mas justamente a

configuração cultural na qual tanto o psíquico quanto o orgânico recebem um sentido específico em cada organização social. Sendo assim, segundo essa leitura, o social contribuiria para produzir sentido para a vivência de cada sujeito, tornando-se, portanto, uma esfera importante para entender fenômenos como o quadro da depressão, por exemplo.

Além de leituras psiquiátricas e sociológicas, encontramos na literatura especializada alguns posicionamentos de psicanalistas em relação ao fenômeno da depressão. Delouya (2014), por exemplo, em seu livro *Depressão*, considera que

A depressão surge, portanto, à semelhança da angústia, como “evocação de lembrança” da ameaça inaugural sobre o espaço de gozo mítico de origem. Se a condição originária de desamparo é “a fonte e o protótipo” (Freud, 1926) da depressão, trata-se de distinguir a forma com que essa condição imprime a natureza do psíquico, engendrando suas características e suas qualidades. Pois é o bloqueio sobre a expressão destas ou a insuficiência de seu desenvolvimento que tem, como conseqüência, a manifestação dos estados depressivos (p. 58).

Assim, conforme o autor seria possível entender a manifestação dos estados depressivos como resultado da dificuldade em elaborar e tornar expresso a experiência do desamparo.² Ademais, Delouya (2014, p. 60) compreende que “o temer depressivo abriga o duplo sentido de ameaça e defesa, pela preservação de um território, quanto aos seus contornos e conteúdos, construindo a forma mais básica e mais genérica de depressão associada ao estado originário de desamparo”.

Ou seja, se se considera a citação de Freud, na nota abaixo, dado que o perigo de desamparo psíquico relaciona-se ao estado de imaturidade no qual encontrar-se-ia um Eu no início da vida, ainda desprovido de recursos defensivos, então, pensados por esse viés, os sintomas da depressão não poderiam ser considerados como expressão direta do sentimento de impotência que caracteriza o estado de desamparo? Estado de desamparo típico da criança pequena, mas estado no qual poderia se ver remetido, por regressão, o Eu adulto.

Maria Rita Kehl (2009), por sua vez, em seu livro *O tempo e o cão – a atualidade das depressões*, propõe-se a fazer uma leitura social a respeito das dificuldades mencionadas por Delouya frente à experiência do desamparo. Sendo assim, Kehl (2009) considera que

²A respeito da noção de desamparo e sua importância na constituição do aparelho psíquico, em *Projeto Para uma Psicologia Científica*, Freud (1895/1996, p.379) compreende que o desamparo inicial é fundamental para as relações morais. Isto porque diante do desamparo de um indivíduo, quando um outro se dispõe a ajudá-lo, passa a contribuir para uma experiência de satisfação do desamparado. Já em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (1926/2014, p. 85) considera que “o perigo do desamparo psíquico, se adéqua ao período de vida em que o Eu é imaturo, assim como o perigo da perda do objeto corresponde à dependência dos primeiros anos da infância, o perigo da castração, à fase fálica, a angústia ante o Super-eu, à época de latência”.

Plenamente apoiados pela ideologia de nossa sociedade científico-mercadológica e pela oferta abundante de antidepressivos, muitos sujeitos buscam em um tratamento exclusivamente psiquiátrico a condição ideal para evitar o enfrentamento com suas questões subjetivas. Na falta de condições que lhes permitam elaborar o sentido de seu abatimento, muitos depressivos se apressam em concordar com a ideia de que sofrem de algum tipo de déficit. Não há, entre os discursos hegemônicos da vida contemporânea, nenhuma referência valorativa dos estados de tristeza e da dor de viver. O mundo contemporâneo demonizou a depressão, o que só faz agravar o sofrimento dos depressivos com sentimentos de dívida ou de culpa em relação aos ideais em circulação (p. 16).

Na leitura de alguns psicanalistas, portanto, a depressão é compreendida no sentido de associá-la à dificuldade em lidar com o desamparo – por eles, considerado necessário para nossa constituição psíquica, assim como para sua maturidade. Assim, enquanto Delouya contribui refletindo a respeito das implicações psíquicas diante do movimento depressivo, Maria Rita Kehl, por sua vez, apresenta uma possibilidade de leitura quanto a possíveis influências nocivas por parte da organização social contemporânea diante dessa dificuldade em lidar com o desamparo. Nesse sentido, para melhor compreender as ideias desses psicanalistas sobre a depressão, deveríamos necessariamente aprofundar nossa compreensão sobre o sentido e alcance do conceito de desamparo na teoria psicanalítica, além de outros conceitos a ele relacionados, mas não é essa a tarefa a que nos propomos nessa dissertação.

A proposta dessa dissertação é a de nos voltarmos aos fundamentos da psicanálise freudiana, e tentar verificar, a partir de uma interrogação metapsicológica do fenômeno depressivo, se Freud pode ajudar a organizar nossas ideias sobre o assunto e, assim, circunscrever um terreno conceitual que sirva de base para estudos mais aprofundados. A expectativa é a de que possamos, ao final do percurso, reencontrar-nos com as leituras de alguns psicanalistas, como os mencionados.

Partindo dessa perspectiva, o que poderia ser dito preliminarmente sobre a visão de Freud? Considerando as visões organicistas e culturalistas, antes mencionadas, pode-se adiantar que Freud esforça-se em superar essa dicotomia entre um reducionismo organicista e um reducionismo culturalista/sociológico, e busca integrar fatores internos (pulsionais, não orgânicos) e fatores externos (influência da cultura/sociedade) na descrição do processo de sofrimento psíquico.

No que se refere às ideias de Freud sobre a etiologia das neuroses, cujo propósito consiste em estudar as causas das doenças, verifica-se que, desde a década de 1890, Freud já começa a questionar o papel determinante da hereditariedade, como os médicos da época defendiam, e aos poucos, considerando a fórmula etiológica que tenta estabelecer, desloca a

hereditariedade para segundo plano, colocando o fator traumático como determinante. É essa visão etiológica que está na base da chamada “Teoria da sedução”. Posteriormente, (1900/1905 em diante) é que Freud passa a enxergar fatores internos (agora pulsionais) como articulados a fatores traumáticos/atuais (externos), chegando finalmente à formulação das séries complementares.

É em *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1917/2014) que Freud nos apresenta essa noção de séries complementares a fim de tentar abarcar de forma abrangente o processo de causação das neuroses. Com a introdução da noção de séries complementares, Freud defende a necessidade de tomar em conjunto ambos os fatores causais, reunindo, num esquema único, causas endógenas (fatores pulsionais disposicionais) e causas exógenas (fatores experienciais acidentais) que se articulariam, ocasionando diferentes possibilidades de quadros psicopatológicos, no caso da depressão, diferentes graus em que o sofrimento depressivo pode se manifestar. Desse modo, Freud e sua metapsicologia, ao que parece, podem oferecer uma possibilidade de compreensão da depressão, de maneira a considerar diferentes fatores tidos como importantes nas tentativas, inclusive as atuais, de esclarecimento dela, no entanto, não de maneira isolada, mas sim, integrando-os.

Voltando às perspectivas já apresentadas, como as organicistas, culturalistas e psicanalíticas, vimos como elas tendem a priorizar determinados fatores particulares, ou seja, assim como a orgânica privilegia o papel dos processos neurofisiológicos, do corpo físico, a culturalista prioriza possíveis fatores da organização cultural que poderiam dar conta do sofrimento da depressão. Nesse sentido, mesmo em se tratando de perspectivas de alguns autores da psicanálise, como as acima exemplificadas, percebe-se diferentes possibilidades de leitura. Enquanto um autor reconhece certos traços psíquicos como sendo mais determinantes, um segundo autor identifica, na própria construção social elementos que poderiam justificar esses traços.

Ao voltarmos-nos para as origens da abordagem psicanalítica, buscando destacar alguns dos conceitos metapsicológicos que poderiam auxiliar na compreensão da depressão, vemos que, pela noção de séries complementares, Freud não prioriza um elemento em detrimento de outro. Antes, busca identificar e compreender, na dinâmica e funcionamento psíquicos, o papel desempenhado por cada um desses diferentes fatores, internos e externos, na produção do sofrimento psíquico, no caso, o depressivo.

Cabe aqui mencionar que, as visões acima, que tendem a privilegiar ora fatores externos, como a visão culturalista e sociológica, ora fatores internos, como a psiquiátrica e algumas visões psicanalíticas, podem levar a distinção entre concepções externalistas e

concepções internalistas sobre o fenômeno da depressão. Diferentemente dessas, a visão metapsicológica de Freud, centrada nas séries complementares, ao defender a necessidade de pensar de forma articulada e indissociável fatores externos e fatores internos, obriga-nos a conceber um certo apagamento nessa distinção entre um interno e um externo. Isto é, a partir da formulação freudiana da concepção das séries complementares, o interno e o externo precisam ser considerados articulados, indissociáveis. Tentaremos, então, retomar essas intuições freudianas, a fim de, a partir delas, buscar compreender metapsicologicamente o quadro da depressão.

Porém, por onde começar nossa abordagem do fenômeno depressivo a partir do que nos ensina Freud? Ou melhor, a partir de que ponto poderíamos dar continuidade à discussão da depressão, já que dispomos, no vasto campo formado pela psicanálise, diferentes perspectivas de abordagem para o assunto?

Para tentar avançar, buscamos construir um modo de recolocar o problema da depressão. Para tanto, inspiramo-nos no método freudiano que, na abordagem de qualquer fenômeno clínico, social etc., parte do conteúdo manifesto, do mais aparente e acessível, a fim de explicitar, mediante a análise desses conteúdos mais acessíveis, os elementos metapsicológicos determinantes. Assim, para abordar o fenômeno da depressão, iniciaremos pela consideração das descrições mais acessíveis na literatura sobre o assunto, e, a partir daí, tentaremos paulatinamente aprofundar nossa análise, com o intuito de explicitar alguns conceitos freudianos que nos permitam avançar na compreensão do quadro depressivo.

Nesse sentido, a respeito de alguns prejuízos percebidos por conta da depressão, Cavalheiro e Tolfo (2011) acreditam se tratar de um fenômeno social que afeta, inevitavelmente, o contexto organizacional e do trabalho. Além disso, afirmam que “são, em grande parte, pessoas em fase economicamente ativa e que em razão da depressão, conforme estudos realizados nos EUA, apresentarão prejuízo no trabalho, inabilidade, absenteísmo e redução da produtividade no emprego” (p. 241).

Por meio de pesquisas como esta, percebe-se o quanto a depressão é responsabilizada por ausências e prejuízos em vários âmbitos da vida do indivíduo, sobretudo, no que diz respeito ao seu desempenho como profissional. Assim, a depressão oferece perigos não apenas para o indivíduo, mas também aos interesses da sociedade, uma vez que, ao se perceber incapacitado, o indivíduo passa a não mais conseguir produzir e funcionar como se entende de modo ideal para a sociedade.

Desse modo, traços do humano não valorizados - e, até mesmo, temidos pela esfera social -, passam a se fazer presentes, relembrando à sociedade da fragilidade e do desamparo,

por exemplo, que atravessam, vez ou outra, as ações dos indivíduos. Tais traços não valorizados podem ser entendidos como valores que atualmente não recebem a mesma importância que valores tais como sucesso, felicidade, bem-estar e, sobretudo, capacidade de ser produtivo nas relações, como já pontuado ao longo da discussão até esse momento.

Retornando aos possíveis prejuízos sociais oferecidos pela depressão, em um sentido mais quantitativo, a OMS ainda informa que a depressão é a doença que mais incapacita no mundo, sendo indicada, inclusive, como a principal causa de mortes por suicídio no mundo. Ademais, no que se refere à questão econômica no plano mundial, estima-se que, a cada ano, as consequências de transtornos mentais – nos quais a OMS inclui a depressão – resultem em uma perda econômica de US\$ 1 trilhão para o mundo (Dados disponíveis na página oficial online das Nações Unidas no Brasil³).

Talvez, por isso, no que se refere à maneira como a depressão é apresentada pela OMS, o caráter incapacitante é, com frequência, apresentado de maneira a servir como alerta para a população. Alerta no sentido de sinalizar que a depressão pode oferecer algum perigo ao ideal de convívio social, algo que ameace valores como uma produtividade constante e impessoal superestimados na sociedade capitalista contemporânea. Desse modo, talvez seja possível identificar, nesse fator que motiva tal alerta para a depressão, justamente o que a caracteriza.

Numa sociedade na qual seus laços sociais se sustentam a partir da supervalorização da produtividade e equilíbrio em todos os sentidos - econômico, afetivo, etc. -, ao se deparar com algum tipo de mal-estar, o indivíduo não saberá ou terá muita dificuldade em lidar com ele. Nesse sentido, autores de diferentes perspectivas referentes a campos do conhecimento da Sociologia e Psicanálise, já mencionados neste trabalho ou que ainda serão ao longo dos capítulos – tais como Bauman, Debord, Delouya, Kehl, Velho, dentre alguns outros -, parecem concordar que, se uma sociedade não fornece aos indivíduos recursos para lidar com certo mal-estar, desde a atribuição de nomes, significados, determinação de contexto socioeconômico e outras possibilidades necessárias para se apropriar desse sofrimento, a incapacitação que caracteriza a depressão passa a ser ainda mais temida e evitada a todo custo.

O *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2018), por exemplo, diz que a palavra depressão pode apresentar diferentes acepções, sendo algumas destas: enfraquecimento, abatimento, físico ou moral; depressão mental, apresentada como uma perturbação caracterizada pela ansiedade e

³<https://nacoesunidas.org/depressao-afeta-mais-de-300-milhoes-de-pessoas-e-e-doenca-que-mais-incapacita-pacientes-diz-oms/>.

pela melancolia; e, depressão nervosa: estado patológico de sofrimento psíquico assinalado por um abaixamento do sentimento de valor pessoal por pessimismo e por uma inapetência face à vida. Nota-se que, em algumas definições dadas pelo dicionário, como já assinalamos também em relação ao DSM, a própria palavra depressão é utilizada na elucidação de seu significado, indicando certa circularidade na tentativa de tornar mais claro o que se entende por depressão, o que pouco nos auxilia.

Na página oficial da OMS a respeito da depressão, ela é descrita da seguinte maneira: “Depression is a common mental disorder, characterized by persistent sadness and a loss of interest in activities that you normally enjoy, accompanied by an inability to carry out daily activities, for at least two weeks [Depressão é um transtorno mental comum caracterizado por tristeza persistente e uma perda de interesse em atividades que normalmente você gosta, acompanhado por uma incapacidade para realizar atividades diárias por pelo menos duas semanas]” (World Health Organization, 2017, tradução nossa).

Assim, desde as caracterizações mais genéricas da depressão, encontradas em dicionários, até as descrições fornecidas pela OMS, passando pelo exame preliminar de algumas abordagens científicas do fenômeno, parece possível destacar um denominador comum entre elas, a saber, um fator incapacitante presente na base da depressão. Devido a esse fator incapacitante é que a OMS atribui à depressão possíveis dificuldades dos indivíduos em se manterem produtivos na vida profissional, amorosa, assim como em qualquer área da vida que, até então, mostrava-se funcional nas relações. Sendo assim, um caráter incapacitante ganha destaque ao buscarmos uma caracterização da depressão, sobretudo, a partir das descrições da OMS, uma vez que passa a ser reconhecido como deprimido aquele que não mais demonstra funcionar de forma minimamente satisfatória – no sentido de não se ver em condições de lidar com as exigências de cada relação - no trabalho, no estudo ou em relações amorosas/sociais.

Considerando, sobretudo, as expectativas e metas de rendimento da sociedade contemporânea, deixar de funcionar ou ao menos passar a funcionar parcialmente em algum âmbito da vida representa, de fato, algo digno de alerta. Desse modo, levando em conta essas expectativas contemporâneas nas relações, assim como o posicionamento da OMS no que se refere à depressão como algo que incapacita o sujeito nos seus afazeres profissionais e sociais, parece que uma análise que retome alguns dos fatores presentes na base de tal incapacidade pode nos auxiliar a compreender melhor o quadro em questão.

Uma discussão sobre a depressão, por meio da análise e detalhamento dos elementos intervenientes nesse fator incapacitante, mostra-se pertinente, uma vez que, ao longo da

apresentação das diferentes perspectivas sobre o entendimento de depressão, a noção de incapacidade, de alguma maneira, fez-se presente. Além disso, parece consistir uma estratégia metodológica promissora tomar como objeto a ser investigado tal fator incapacitante de base, sua gênese e determinações, a partir do que poderemos talvez começar a melhor compreender o fenômeno depressivo em seus diferentes graus de manifestação, desde os sintomas mais leves, talvez considerados neuróticos, até os quadros mais graves de incapacitação generalizada.

Assim, o objetivo dessa dissertação pode ser, agora, apresentado de forma mais clara: trata-se de analisar o fator incapacitante presente na base do fenômeno depressivo a partir da retomada de alguns conceitos da metapsicologia freudiana.

Obviamente, considerando a existência de diferentes abordagens sobre o fenômeno depressivo, conforme acima mencionadas, pode haver igualmente diferentes concepções etiológicas sobre o caráter do fator incapacitante que queremos destacar. A abordagem psiquiátrica, por exemplo, pode talvez compreender tanto o humor deprimido, quanto a perda de interesse ou prazer como associados a tal fator incapacitante, mas a explicação deste deve estar baseada em considerações neurofisiológicas. Assim, autores que compreendem a depressão como sendo de natureza orgânica entenderiam a incapacidade como resultante de alguma disfunção cerebral, algum tipo de funcionamento anormal do sistema nervoso, daí a terapêutica medicamentosa. Dado o interesse da discussão aqui desenvolvida, de caráter mais psicanalítico e social, essa perspectiva de abordagem estará excluída da discussão realizada nessa dissertação.

Já a compreensão sociológica, que entende que o sofrimento é definido conforme os sistemas culturais de significação, ou seja, passa a ser sofrimento o que se entende que fere, de alguma maneira, os ideais de vida e convivência de um determinado grupo, estará sendo levada em conta em nossa discussão. Porque a depender dos ideais valorizados pelo grupo, não se ver em condições de sustentá-los pode vir a incapacitar o sujeito, uma vez que ele pode deixar de ser funcional para aquela sociedade, sua função/valor enquanto membro da sociedade passa a ser questionado por todos e por ele mesmo. Vendo-se incapacitado, pode passar a integrar um quadro de depressão.

Logo, dado que um sentimento de incapacidade resultaria da relação com certos ideais valorizados e veiculados socialmente, parece claro o papel do social/cultural no desencadeamento de processos depressivos. Ou seja, na discussão do fator incapacitante, será necessário levar em conta a face social da depressão, como veremos nos ensinar Freud. Porém, por outro lado, como tais ideais culturais são tomados como seus ou apropriados pelo

indivíduo? Ou melhor, é preciso considerar que, embora valorizados e veiculados culturalmente, portanto, tidos como fatores externos ao indivíduo, tais ideais são assumidos como seus, o indivíduo identifica-se com eles, internaliza-os. Assim, dado que na teoria freudiana sobre a constituição do psiquismo a consideração de fatores internos e externos é vista como condição necessária, o uso da abordagem psicanalítica no esclarecimento do fator incapacitante presente na base da depressão, parece poder nos auxiliar a compreender os processos pelos quais tais ideais passam, juntamente com fatores pulsionais/disposicionais, a constituir e determinar a economia e psicodinâmica própria do fenômeno depressivo. Isso quer dizer que, no esclarecimento de nosso objeto de estudo, além da face externa, voltada para a compreensão do papel dos fatores culturais, precisaremos considerar alguns fatores internos que explicariam a gênese, economia e psicodinâmica da incapacidade de base da depressão.

No que se refere aos fatores internos e externos e, sobretudo, à sua conjugação, é importante lembrar que não é possível tomar tais fatores como sendo definidos por limites precisos. De acordo com o que foi visto acima, em Freud, os limites entre o interno e o externo tornam-se indistinguíveis, considerando a maneira como se constituem e passam a interferir na atuação de diferentes fatores, podendo culminar no quadro da depressão, posteriormente.

Conforme a obra freudiana ganha complexidade, torna-se cada vez mais difícil estabelecer o caráter externo ou interno de alguns eixos componentes das séries complementares. Desse modo, uma forma encontrada neste trabalho de evitar cair em separações do inseparável, mas tentar garantir uma exposição didática consiste em, tendo já esclarecido que em Freud o fator interno e o externo não podem ser pensados separados, modificar a forma de se referir a uma a outro. Assim, nas discussões a seguir, o que se denominou até então de fator interno passa a ser referido como componentes pulsionais ou componentes libidinais. Já os fatores externos, como componentes culturais ou sociais.

A reflexão sobre essa problemática a respeito de como se referir a tais elementos parece apontar para a falta de uma linguagem mais apropriada para designar os desenvolvimentos que emergem a partir da consideração das séries complementares, indicando possivelmente como Freud ultrapassa dicotomias tradicionais. De qualquer forma, o termo 'componente' parece adequado, já que se trata de uma fórmula 'composta' de diferentes elementos; estes concebidos como passíveis de múltiplas combinações possíveis, resultando daí graus igualmente diferentes de manifestação do fenômeno da depressão.

Assim, de que maneira Freud e a metapsicologia poderiam contribuir para uma maior compreensão a respeito da depressão? Considerando os efeitos que tal incapacidade tem demonstrado produzir no cenário social contemporâneo, entender a gênese desse fator incapacitante, assim como sua constituição podem contribuir para se vislumbrar novas possibilidades de leitura e, possivelmente, de manejo diante do sofrimento social decorrente.

Para tanto, partindo da abordagem metapsicológica de Freud, no primeiro capítulo, apresentaremos uma discussão a respeito do fator incapacitante presente na base da depressão de maneira a tecer algumas possíveis aproximações metapsicológicas. O objetivo é levantar alguns elementos conceituais que permitam-nos aproximar de uma compreensão sobre a gênese e o caráter dessa incapacidade de base. Para isso, serão discutidos conceitos como o investimento libidinal e o de frustração e seus possíveis fatores.

Apresentadas algumas possibilidades de aproximação metapsicológica em relação à incapacidade de base da depressão, passaremos à discussão da noção de séries complementares enquanto possibilidade de articulação entre fatores externos e internos, a fim de verificar uma possível contribuição do modelo freudiano para se compreender a etiologia das depressões. Desse modo, serão discutidos os fatores externos – compreendidos como experienciais – e os internos – pulsionais – e os possíveis efeitos de sua interação.

Em seguida, no Capítulo III, serão feitas considerações sobre o componente disposicional da série complementar. Para tanto, o conceito de inibição será discutido, bem como seu papel na etiologia da depressão.

Posteriormente, no Capítulo IV, pretende-se discutir o fator experiencial localizado nas séries complementares. Assim, dada a intenção de fazer uma leitura metapsicológica dos fatores experienciais/socioculturais, o conceito de objeto da pulsão é tomado na discussão a fim de se alcançar em quais tipos de objetos tem se investido hoje na busca por satisfação pulsional. E inevitavelmente em casos de (in) satisfação, quais seriam as possíveis implicações e o provável lugar do sofrimento depressivo.

CAPÍTULO I

SOBRE O FATOR INCAPACITANTE PRESENTE NA BASE DA DEPRESSÃO: UMA APROXIMAÇÃO METAPSICOLÓGICA

Para dar início à discussão sobre as possibilidades de compreensão da depressão a partir da metapsicologia freudiana, torna-se pertinente partir, inicialmente, de algumas considerações com vistas a esclarecer como esta pode compreender o fator incapacitante, mediante o qual propomo-nos tentar apreender as manifestações do sofrimento depressivo em diferentes graus de manifestação.

1.1 Algumas considerações sobre o conceito de libido e sua utilidade para pensar a depressão

Entendendo que o indivíduo, antes do quadro da depressão, dispunha de disposição e capacidade para realizar atividades específicas, como trabalhar e estudar, ao se ver na falta de tal disposição, esse comportamento retraído, em termos metapsicológicos, pode ser descrito pela teoria da libido. Desse modo, a fim de começar uma discussão metapsicológica sobre o estatuto psicanalítico dessa incapacidade, um percurso possível se mostra pela proximidade com a ideia de investimento libidinal. Isso, porque, por *libido*, em “*Psicanálise e Teoria da libido*”, Freud (1923/2011) a compreende como sendo a expressão dinâmica na vida psíquica da pulsão sexual, sendo composta por pulsões parciais. As fontes desses instintos são os órgãos do próprio corpo, nomeadas como zonas erógenas, e possuem como objetivo a satisfação. No início de seu texto, *Introdução ao Narcisismo*, Freud (1914/2010), afirma que “formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam” (p. 17). Assim, seria natural da constituição do sujeito humano, a princípio, um investimento inicial ao próprio Eu, sendo que, posteriormente, ao longo do estabelecimento de relações com novos objetos além do Eu, a libido passa a ser deslocada do Eu para o meio externo. No entanto, quanto a esse movimento, Freud esclarece que é possível verificar uma espécie de oposição entre a libido do

Eu e a libido do objeto. Considerando essa oposição, Freud afirma que “quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra” (p. 17).

Sendo assim, se uma relação mais intensa com o mundo externo pressupõe, por parte do indivíduo, um investimento libidinal mais intenso em objetos, parece claro que, no caso do depressivo, tal investimento estaria empobrecido ou, em casos extremos, não ocorreria. Como se trata de conceito importante para essa discussão, vale esclarecer que, em *Os instintos e seus destinos*, Freud (1915/2010) define objeto como sendo aquele com o qual ou através do qual a pulsão pode alcançar sua meta. Esta, por sua vez, pode ser entendida como o objetivo da pulsão que, seguramente, sempre será a satisfação, ou seja, não sofre variação, diferente do objeto da pulsão, que pode variar conforme o que for possível, mas sempre visando à satisfação. Logo, de acordo com a fórmula freudiana, acima, deveríamos supor, nesse caso, que, ao invés de ser investida em objetos, a libido encontra-se retida no Eu.

Considerando a libido retida no Eu como a contraparte do desinvestimento em objetos, seria esse fato suficiente para esclarecer, por exemplo, a incapacidade na qual o indivíduo se depara nos casos de depressão? Ao se pensar, portanto, naquela espécie de incapacidade generalizada – considerada como presente na base da depressão –, em um sentido metapsicológico, será que essa oposição entre os dois tipos de investimento libidinal pode ser útil para tornar inteligíveis os prováveis fatores determinantes da depressão?

Em outra direção de raciocínio, poderia ser a tal incapacidade uma possível expressão de um excesso de investimento libidinal em algum objeto em detrimento do próprio Eu? Isto é, seria possível pensar que, no que se refere ao investimento em objetos - considerado o meio de se atingir a meta/alvo da pulsão que consiste na satisfação libidinal -, quando feito demasiadamente, pode não resultar em uma satisfação adequada ou a esperada, de modo que persistiria a insatisfação libidinal? Dessa maneira, seria por conta disso, que o Eu se veria empobrecido e, conseqüentemente, incapacitado de exercer suas funções cotidianas – que são consideradas como as mais prejudicadas pela depressão – como trabalhar, estudar e amar? Nesse caso, quais poderiam ser esses objetos externos “usurpadores” de libido, ao ponto de tornar o indivíduo tão empobrecido libidinalmente que deixa de ter reservas suficientes para o investimento em tarefas profissionais e em quaisquer relações que se coloquem como necessárias para o sujeito?

As questões acima seriam apenas algumas passíveis de serem formuladas, a partir da consideração da teoria da libido. Veremos adiante que Freud propõe uma hipótese para tentar explicar um quadro que talvez nos ajude a compreender melhor a depressão, o quadro da

melancolia. Antes, porém, discutiremos alguns conceitos necessários para prosseguir nossa análise.

No que diz respeito, portanto, ao fator incapacitante do quadro da depressão, a teoria da libido parece oferecer elementos que podem contribuir para uma maior compreensão de tal fator. Novamente, em *Introdução ao Narcisismo*, essa possibilidade se mostra pertinente quando Freud (1914/2010) afirma que

A percepção da impotência, da própria *incapacidade* para amar, devido a distúrbios psíquicos ou físicos, tem efeito altamente rebaixador no amor-próprio. Aí devemos encontrar, na minha avaliação, uma das fontes do sentimento de inferioridade relatado espontaneamente pelos que sofrem de neurose de transferência. Mas a fonte principal desse sentimento é o empobrecimento do Eu que resulta dos enormes investimentos libidinais dele retirados, ou seja, o dano trazido ao Eu por tendências sexuais não mais sujeitas a controle. (p. 46, grifo nosso).

Nesse trecho, Freud demonstra entender a incapacidade para amar como possível equivalente para uma percepção de impotência. Ao se perceber impotente/incapaz de amar, ou seja, investir em algum objeto para ter certa satisfação, o indivíduo tem seu amor-próprio rebaixado a ponto de apresentar certo sentimento de inferioridade. Diante disso, Freud acredita que a verdadeira fonte desse sentimento de inferioridade se refere ao empobrecimento do Eu por conta de grandes investimentos libidinais realizados.

Assim, torna-se possível compreender que, ao se propor a realizar significativos investimentos libidinais, o Eu se vê empobrecido, uma vez que Freud compreende que a realização desses investimentos representariam, até mesmo, um dano trazido ao Eu. Diante desse dano, ou seja, ao se perceber empobrecido, o indivíduo não se vê mais capaz de realizar novos investimentos, ou, até mesmo, sustentar os que, até então, matinha sem dificuldade.

Ao pensar na dificuldade em manter certos investimentos diante do empobrecimento do Eu, seria possível tomar esse processo como uma possibilidade de compreender metapsicologicamente o fator incapacitante da depressão? Isso, porque, ao retomar o que se alerta quanto à depressão, percebe-se que é justamente a incapacidade, ou seja, a dificuldade em se manter disposto em atividades como trabalho e estudo, realizados, até o momento, com certa normalidade, que chama a atenção das pessoas próximas.

Freud (1914/2010) declara que “ao mesmo tempo, o Eu enviou os investimentos libidinais de objeto. Ele se empobrece em favor desses investimentos, tal como do ideal do Eu, e novamente se enriquece mediante as satisfações ligadas a objetos, assim como pelo cumprimento do ideal” (p. 48). Assim, ao mesmo tempo que pode representar certo

sofrimento, o excesso de investimento libidinal em um objeto pode levar a privar-se – ou recusar-se, termo este que será discutido nas próximas seções deste capítulo.

No entanto, é importante, nesse momento, destacar que há investimento libidinal em objetos, mas que tais investimentos, muitas vezes, podem não resultar em satisfação, cabendo ao indivíduo vislumbrar novas formas de satisfação libidinal ou até mesmo novas maneiras de manejar certos investimentos.

A respeito da satisfação por conta do investimento em um objeto, Freud (1915/2010), em seu texto *Os instintos e seus destinos*, considera que

O instinto, por sua vez, não atua jamais como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Desde que não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga pode servir contra ele. Uma denominação melhor para o estímulo instintual é “necessidade”; o que suprime essa necessidade é a “satisfação”. Ela pode ser alcançada por meio de uma modificação pertinente (adequada) da fonte interior de estímulo (p. 54).

Ao dar início à discussão de pulsão, Freud já alega que o que atende à necessidade pulsional é a satisfação. Ao considerar-se, portanto, uma suposta incapacidade de amar, tal incapacidade não acabaria por frustrar o objetivo de satisfação que a libido tem ao ser investida em um objeto? Ao longo da discussão dos próximos capítulos, talvez se torne possível perceber que tal satisfação pode ser alcançada por outros caminhos além de investir a libido em um objeto, como já mencionado acima.

A meta de uma pulsão é, seguramente, sempre a satisfação. No entanto, apesar de sua meta ser constantemente a mesma, os caminhos a se traçar a fim de alcançá-la podem ser diversos. É possível que aconteça também que tal meta da pulsão seja desviada ou inibida em algum momento do trajeto à satisfação, culminando, possivelmente, em algum tipo de satisfação parcial (Freud, 1915/2010).

Quais seriam, portanto, as possíveis consequências psíquicas nos casos em que, de alguma maneira, tal satisfação libidinal se vê dificultada parcialmente ou, até mesmo, impossibilitada, por conta de certa incapacidade para o investimento libidinal? Para dar seguimento a esse e outros questionamentos que vão se mostrando relevantes para a discussão, torna-se pertinente prosseguir a discussão.

1.2 Tentativa de aprofundamento conceitual no esclarecimento do fator incapacitante da depressão: fatores externos e internos na produção da frustração libidinal

Em *As Palavras de Freud*, Souza (2010) chama nossa atenção para as dificuldades envolvidas com a tradução, para o português, do termo alemão *Versagung*, costumeiramente vertido por “frustração”. A fim de esclarecer as diferentes leituras que se tem feito da noção de “frustração” em Psicanálise, Souza começa citando o *Dicionário Aurélio*, que define frustração como sendo “estado daquele que, pela ausência de um objeto [sic] ou por um obstáculo externo ou interno, é privado da satisfação dum desejo ou duma necessidade” (p. 289). Vemos aqui que na própria definição fornecida pelo dicionário, a frustração é entendida como privação da satisfação em decorrência de obstáculos externos, como talvez costumeiramente tendemos a pensar, mas também em decorrência de obstáculos internos.

Nesse sentido, Laplanche e Pontalis (2001) já ofereciam contribuições para uma melhor compreensão do termo *Versagung*. Na introdução do verbete “frustração” em *Vocabulário da Psicanálise*, os autores alertam para a necessidade de se realizar algumas reparações no entendimento do termo *Versagung*, assim como no seu uso. Para os autores, o termo freudiano em alemão se refere a “uma relação que implica uma recusa (como indica a raiz *sagen*, que significa *dizer*) por parte do agente e uma exigência mais ou menos formulada em demanda por parte do sujeito” (p. 203). Mais adiante em sua análise, os autores acrescentam que, enquanto o termo “frustração” demonstra indicar que o sujeito é frustrado passivamente, o termo *Versagung* não indica de maneira nenhuma quem recusa, sendo que, até mesmo, em alguns casos, parece que o sentido que mais predomina é o de *recusar-se a*.

Logo, “frustração” não seria um termo adequado para traduzir *Versagung*, pois enquanto aquele apresenta um sentido mais passivo, do indivíduo sendo frustrado por algo externo a ele, este apresentaria um sentido mais reflexivo, e apontaria para algo mais interno ao próprio indivíduo, algo dele mesmo que o leva a *recusar-se a*. No entanto, a seguir, os autores mostram que *Versagung* abrange ambos os sentidos, apontando para uma das principais hipóteses da discussão proposta nesse trabalho.

Laplanche e Pontalis (2001) afirmam que Freud, em seu texto *Tipos de adoecimento neurótico* (1912/2010), já demonstra entender o termo *Versagung* como um conceito capaz de englobar tanto o movimento de ser recusada a satisfação libidinal ao sujeito—a partir de uma barreira externa, portanto -, quanto o próprio sujeito recusar a si mesmo tal satisfação, ou seja, nos termos da discussão feita até aqui, devido a um fator incapacitante que pode basear-se tanto em impedimentos externos como interno ao próprio indivíduo. É nesse sentido que buscar esclarecimentos conceituais sobre o estatuto desse fator incapacitante presente na base da depressão, proporcionado por uma consideração mais ampla da problemática da frustração

libidinal, pareceu-nos promissor para avançarmos de forma melhor fundamentada na compreensão do sofrimento depressivo.

Ao buscar o texto do próprio Freud (1912/2010), verifica-se que, quanto à possibilidade de lidar com o movimento de (se) recusar certa satisfação libidinal, o autor declara:

Há apenas duas possibilidades de permanecer sadio quando existe uma frustração persistente de satisfação no mundo real. A primeira é transformar a tensão psíquica em energia ativa, que permanece voltada para o mundo externo e acaba por arrancar dele uma satisfação real da libido. A segunda é renunciar à satisfação libidinal, sublimar a libido represada e voltá-la para a consecução de objetivos que não são mais eróticos e fogem à frustração. O fato de estas duas possibilidades serem realizadas nas vidas dos homens prova que a infelicidade não coincide com a neurose e que a frustração não decide sozinha se sua vítima permanece sadia ou tomba enferma. *O efeito imediato da frustração reside em ela colocar em jogo os fatores disposicionais que até então haviam sido inoperantes* (p. 231; grifo nosso).

Por frustração, pode ser entendido, portanto, a recusa de se satisfazer libidinalmente por algum investimento objetual – muitas vezes, por representar alguma ameaça ao Eu, como discutido até o momento. No entanto, torna-se fundamental esclarecer que, mesmo Freud (1912/2010) considerando a frustração como sendo provocada a partir do exterior do indivíduo, esse impedimento externo que frustra a satisfação libidinal incita conteúdos internos, isto é, “coloca em jogo os fatores disposicionais” até então não operantes, como nas palavras acima destacadas.

Assim, mesmo que se perceba que grande parte dos fatores mais significativos da frustração se definem como externos ao indivíduo, é necessário compreender que eles não apenas afetam, de alguma maneira, a dinâmica pulsional do indivíduo, mas decorrem dela, uma vez que a própria emergência da frustração incide sobre um dado montante de experiência pulsional. Assim, torna-se pertinente compreender que as duas alternativas de lidar com a frustração, que Freud menciona na citação acima, referem-se à normalidade, na medida em que o indivíduo permaneceria são, capaz de se manter em suas relações e atividades habituais.

Logo, a frustração em si mesma não pode ser entendida como produtora de, no caso aqui discutido, sofrimento depressivo. Isso, porque há indivíduos que conseguem reagir de forma adequada frente à realidade frustradora e transformá-la a seu favor, atingindo, em maior ou menor grau, a meta pulsional originalmente sexual (transformação aloplástica – homens de ação). Há outros que, por sua vez, embora não reajam diretamente contra a frustração imposta pelo mundo, dispõem de capacidades psíquicas para indiretamente metabolizar a libido não

satisfeita (uma espécie de transformação autoplástica, mas não em grau patológico, no sentido da deformação da imagem do mundo) e redirecioná-la para outras finalidades, obtida por essa via indireta de satisfação, embora não mais aquela originalmente sexual (sublimação).

No entanto, o que se considera relevante nesse trabalho é a tentativa de esclarecer as outras possibilidades, no caso da citação acima, “quando a frustração põe em operação fatores disposicionais até então inoperantes” (Freud, 1912/2010), levando a modificações mais autoplásticas, aproximando-se, portanto, do sentimento de incapacidade. Em outras palavras, ainda a partir da importante citação acima, é possível perceber que Freud entende que a influência externa sozinha e, o excesso traumático externo, unicamente, não devem ser tomados como determinantes únicos de uma patologia/depressão. Logo, do ponto de vista da Psicanálise freudiana, poder-se-ia dizer que, apesar do privilégio concedido pelas perspectivas culturalistas ou sociológicas ao fator social ou cultural, sozinho, não seria suficiente para explicar o sofrimento depressivo. No entanto, é quando Freud encerra sua fala que ele nos dá indicativos de que, de fato, é necessário considerar de maneira conjugada a influência vinda de fora (do social/cultural/contemporâneo) e os fatores disposicionais por ela despertado.

Quais seriam esses fatores disposicionais de que fala Freud? O esclarecimento desse problema está reservado para os capítulos subsequentes. Antes, no capítulo II, considerando esse posicionamento de Freud frente aos possíveis fatores intervenientes na frustração libidinal, mostra-se necessário discutir o modelo freudiano das séries complementares. Isso porque é justamente mediante tal modelo, que Freud deixa mais claro seu entendimento a respeito da dinâmica dos fatores que contribuem para a configuração de um quadro de sofrimento psíquico.

CAPÍTULO II

A ARTICULAÇÃO ENTRE COMPONENTES PULSIONAIS E EXPERIENCIAIS COMO SÉRIES COMPLEMENTARES: POSSÍVEL CONTRIBUIÇÃO DO MODELO FREUDIANO PARA A COMPREENSÃO DA ETIOLOGIA DAS DEPRESSÕES

A consideração de um entendimento mais amplo sobre o processo que envolveria uma frustração libidinal parece servir para ajudar a organizar nossas ideias para prosseguirmos na discussão dos fatores que podem levar à situação que caracteriza o fenômeno depressivo. Afinal, segundo Freud, a relação entre os componentes pulsionais/libidinais e os socioculturais ou experienciais se daria de maneira próxima a um movimento de deslizamento entre os extremos, uma espécie de interdependência entre eles. É justamente a partir da retomada desse raciocínio de Freud que se pretende conduzir a discussão a respeito do papel tanto dos fatores disposicionais quanto de múltiplos fatores experienciais na produção da frustração libidinal e, desse modo, verificar quais possíveis contribuições a metapsicologia freudiana pode nos oferecer quanto ao entendimento da depressão.

Na tentativa de esclarecer o fator incapacitante da depressão, partindo da frustração libidinal e seus fatores intervenientes, esta discussão se propõe a servir para fundamentar a concepção sobre a frustração ampliada pela explicitação e desenvolvimento da fórmula etiológica concebida por Freud como séries complementares. É a partir da formulação dessa série que fatores pulsionais e experienciais são vistos por Freud como conjugando-se na sobredeterminação de um quadro sintomático e de sofrimento psíquico, como é o caso do fenômeno depressivo. Portanto, tentaremos mostrar como a retomada da noção de séries complementares, apresentada por Freud em *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917), pode nos auxiliara fundamentar-nos, em bases teóricas mais claras, o sentido em que o autor compreende e integra os fatores intervenientes na frustração libidinal.

2.1 As implicações da fixação e da regressão no desenvolvimento psicosssexual e possibilidades de aproximação com o quadro depressivo

Em *Conferências introdutórias à psicanálise*, especificamente na Conferência 22, intitulada *Considerações sobre Desenvolvimento e Regressão. Etiologia*, Freud (1916-1917/2014) dá início à sua discussão afirmando:

[...] considerando-se a tendência geral à variação dos processos biológicos, há de acontecer de nem todas as fases preparatórias correrem igualmente bem e serem superadas completamente; partes da função ficarão retidas de forma duradoura nesses estágios iniciais, e o quadro geral do desenvolvimento sofrerá *certa medida de inibição*. (pp. 450-451, grifo nosso).

Assim, Freud esclarece que, dadas algumas condições estabelecidas ao longo do enfrentamento do próprio indivíduo com seu meio, certa medida de inibição pode se desenvolver, remetendo-nos, desde já, à ideia de que um quadro de comprometimento psíquico pode ser variado conforme a preponderância de diferentes fatores.

No que se refere a essas condições, Freud identifica dois supostos perigos para o desenvolvimento de algum tipo de mal-estar, são eles: a fixação e a regressão. Dado que esses dois conceitos são centrais na explicação da constituição de um fator disposicional, é necessário, ao menos brevemente, apresentar as fases psicosexuais e, assim, esclarecer a relevância da fixação e da regressão no desenvolvimento libidinal do indivíduo.

Nesse sentido, Freud (1917/2014) considera que

Quanto mais fortes as fixações no caminho do desenvolvimento, tanto mais a função evitará as dificuldades externas mediante regressão a essas fixações, e tanto menos capaz de resistência se revelará a função desenvolvida diante de impedimentos externos a barrar-lhe o caminho (p. 453).

Assim, quanto mais presentes as fixações, maior a resistência e dificuldade em lidar com impedimentos externos. A fim de compreender, portanto, quais fatores, possivelmente, podem influenciar o percurso marcado fortemente por fixações, torna-se necessária a exposição breve das fases do desenvolvimento psicosexual, assim como de que maneira as fixações podem se manifestar, conforme os recursos psíquicos até então desenvolvidos em cada fase do desenvolvimento.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, no que se refere, portanto, às fases psicosexuais do desenvolvimento, Freud (1905/1996) denomina a primeira dessas organizações sexuais pré-genitais de oral. Isso, porque, nessa fase, a atividade sexual não se separou da nutrição, ou seja, o objeto de uma atividade também seria da outra, consistindo na incorporação do objeto. Tal incorporação servirá de base para o que, posteriormente, Freud vai esclarecer como o mecanismo psíquico de identificação. De maneira a apresentar uma

possível ilustração de fixação nessa fase, Freud (1905/1996) afirma que “como resíduo dessa hipotética fase de organização que nos foi imposta pela patologia podemos ver o chuchar, no qual a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, renunciou ao objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo” (p. 187).

Já um segundo estágio seria referente à organização sádico-anal, mudança esta que aconteceria concomitantemente com o nascimento dos dentes, com o fortalecimento da musculatura e o controle dos esfíncteres. Em um terceiro momento, verifica-se a fase fálica, na qual, em ambos os sexos, o pênis adquire uma grande importância. Após esta, os processos sexuais infantis entrariam em um período de latência, até o advento da sexualidade genital adulta propriamente dita. No entanto, a nova compreensão da fase fálica, que em 1923, Freud (mesmo ano do artigo ‘Uma Organização Genital Infantil’) insere na teoria sexual de 1905, exigirá que esta seja repensada à luz de um novo entendimento. Ou seja, em 1923, Freud passa a ter um entendimento mais amplo e aprofundado sobre o alcance da fase fálica, que ele passa a considerar de organização genital infantil, caracterizando-a como aquela em que o menino apresenta todos os comportamentos genitais que caracterizará a vida genital adulta, com exceção da não capacidade para a reprodução e a crença na universalidade do falo. Isso quer dizer que, para o menino e a menina, existiria apenas um genital, o masculino, daí fase fálica ou organização genital infantil. É nessa fase que se instala, desenrola e sucumbe o complexo de Édipo, com todas as suas consequências. Apenas a partir desse momento, que, em casos próximos à normalidade, adviria o período de latência até a chegada da genitalidade adulta, agora mais claramente compreendida como marcada pela genitalidade infantil (Brescansin, 2016, p. 25).

Diante da caracterização das fases psicosssexuais, torna-se pertinente – sobretudo, porque o que estamos discutindo é a possibilidade de fixação em determinada fase psicosssexual ou regressões de uma fase mais tardia a uma mais precoce do desenvolvimento - ressaltar que não se deve entender tais fases como um encadeamento progressivo de fases cronologicamente determinadas, em que o advento de uma superaria a anterior e suas propriedades, uma vez que uma demonstra agregar elementos à outra, sobrepondo-se e coexistindo. Por conta disso, vale destacar que não se trata de uma teoria desenvolvimentista, uma vez que a presença de uma determinada organização não implicaria no desaparecimento de outra (Brescansin, 2016, p. 26).

Tendo exposto brevemente tais fases, podemos retornar à questão da fixação e da regressão, já inicialmente discutidas. A vivência de satisfação, suposta por Freud (1895/1996) em *Projeto para uma Psicologia Científica* como uma vivência fundamental para o

funcionamento posterior do psiquismo, descreve a situação hipotética na qual o bebê ainda não tem condições de realizar a ação específica capaz de satisfazer certa necessidade, por exemplo, por conta da fome, uma vez que ainda se mostra dependente do auxílio de um outro indivíduo. Esse tipo de vivência deixaria, como marca, o estabelecimento da associação entre a sensação de necessidade e a imagem do objeto que possibilitou a satisfação de certa necessidade. Assim, a partir da ligação associativa estabelecida desde as primeiras vivências, buscar-se-ia reproduzir a satisfação antes obtida sempre que a necessidade se impusesse.

Laplanche e Pontalis (2001), no que se refere à fixação, definem-na da seguinte maneira:

O fato de a libido se ligar fortemente a pessoas ou imagens, de reproduzir determinado modo de satisfação e permanecer organizada segundo a estrutura característica de uma das fases evolutivas. A fixação pode ser manifesta e real ou constituir uma virtualidade prevalecente que abre ao sujeito o caminho de uma regressão (p. 190).

Sendo assim, considerando as fases evolutivas já apresentadas, a fixação representa uma ligação forte em alguma das fases, sendo que cada fase apresenta suas características e maneiras peculiares de funcionamento psíquico. Assim, os mesmos autores consideram mais uma vez que

Com o desenvolvimento da teoria das fases da libido, especialmente, das fases pré-genitais, a noção de fixação assume nova extensão. Pode não incidir apenas sobre uma meta ou um objeto libidinal parcial, mas sobre toda uma estrutura da atividade característica de uma dada fase [...]. Assim, a fixação na fase anal estaria na origem da neurose obsessiva e de certo tipo de caráter. (p. 190).

Assim, torna-se possível compreender que, em cada fase de desenvolvimento, parece predominar modos de funcionar, de lidar com as experiências e os investimentos libidinais necessários. Dessa forma, diante de alguma espécie de frustração, a fixação em determinada fase de desenvolvimento mostra-se como alternativa através da regressão, como afirmado acima.

Outra maneira de entender a fixação, segundo Freud (Carta 52 de 1896) seria considerá-la como relacionada a registros mnêmicos que não puderam ser traduzidos segundo as novas aquisições psíquicas, e que restariam no momento atual como “sobrevivências” do passado, podendo essas formas mais antigas de reação frente ao mundo predominar e dominar as reações musculares (fala e comportamento) em certas situações em que o eu encontra-se enfraquecido/perturbado/etc. No caso da depressão, essa reação seria caracterizada pela

tendência a evitar investimentos em objetos, revelando certa inibição na capacidade de investimento libidinal.

Desse modo, Freud (1915/2010) em *Os instintos e seus destinos* nos apresenta o conceito de fixação, definindo-o enquanto “uma ligação particularmente estreita do instinto ao objeto” e acrescenta que “ela [fixação] se efetua com frequência nos períodos iniciais do desenvolvimento instintual e põe termo à mobilidade do instinto, ao se opor firmemente à dissolução do laço” (p. 59). Assim, ao definir o mecanismo de fixação da libido, Freud já o associa a certa oposição à dissolução do laço existente entre pulsão e objeto, ou seja, a fixação estaria relacionada à dificuldade em lidar com a interrupção do investimento libidinal em determinado objeto, no fundo, dificuldade em abandonar uma determinada forma de satisfação.

Considerando, portanto, que a fixação abre caminho para a regressão, como afirmado acima, é possível entender que pontos de fixação servem como pólos de atração para regressões. Quanto ao processo de regressão, em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/1996) apresenta-o como não sendo próprio do funcionamento dos sonhos, mas como processos psíquicos constituintes de quadros neuróticos. O autor distingue três dimensões em sua concepção sobre o assunto, referindo-se a elas como três tipos de regressão:

(a) regressão tópica, no sentido do quadro esquemático dos sistemas-psi⁴ que explicamos atrás; (b) regressão temporal, na medida em que se trata de um retorno a estruturas psíquicas mais antigas; e (c) regressão formal, onde os métodos primitivos de expressão e representação tomam o lugar dos métodos habituais. No fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem um só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva (p. 574).

O processo de regressão, portanto, refere-se ao movimento de retorno tanto a estruturas de organização psíquica mais antigas, como a métodos ou formas de buscar satisfação pulsional mais primitivos, no sentido de estarem mais associados ao início do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo. Dessa forma, o recuo da libido em relação aos objetos em direção ao Eu precisaria ser compreendido metapsicologicamente como efeito da entrada em operação de processos regressivos que possibilitaria recorrer-se a um método de busca de satisfação para uma necessidade ou desejo, válido no início do desenvolvimento do indivíduo, e que agora passa a ser o meio disponível para obtenção de prazer, um meio inadequado, mas talvez o único disponível ao indivíduo. Assim, recuando diante de

⁴Em *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/1996), Freud compreende este sistema como responsável por processos psíquicos tais como percepção, memória, desejos, etc.

impedimentos externos e recorrendo a fixações já familiares - sendo esse familiar referindo-se à forma de funcionamento que dominou o modo de obtenção de satisfação libidinal em algum momento da vida sexual infantil -, começa a se configurar algum tipo de quadro de sofrimento psíquico.

E por que começaria a configurar certo sofrimento psíquico? Considerados os esclarecimentos apresentados, conforme acima, é possível avançar na discussão e esclarecer que certas reações consideradas inadequadas frente às exigências externas podem resultar em sofrimento psíquico. Consideradas inadequadas, justamente, porque, por exemplo, um indivíduo de 25 anos pode, devido à existência de disposições próprias - explicadas como fixações a fases primitivas do desenvolvimento que contribuem para o desencadeamento de processos regressivos diante de dificuldades com exigências do mundo -, reagir frente ao mundo como reagiria uma criança pequena, sendo dominado em seu comportamento por formas típicas de reação de certa fase do desenvolvimento psicosssexual.

O grau de comprometimento vai depender, portanto, do quanto se mostra resistente ou não a tais impedimentos, e isso conforme for possível a trajetória do desenvolvimento psíquico do sujeito. Ou seja, nas palavras de Freud, “[...] o perigo da derrota será, porém, tanto maior quanto maior o número daqueles deixados para trás no curso da migração” (1917/2014, p. 453), ou seja, quanto maior o número de fixações disponíveis. Por derrota, podemos entender algum tipo de sofrimento, no caso desse trabalho, o quadro da depressão. Assim, Freud demonstra entender que quanto mais predominam processos de regressão da libido por meio de fixações, maior a tendência do indivíduo se enquadrar em um quadro de depressão. Isso, porque, como já afirmado, a necessidade de recorrer a tais mecanismos aponta para a baixa resistência em lidar com impedimentos externos que demonstrem ameaçar, de alguma maneira a meta de satisfação libidinal.

Além disso, o que pode contribuir para a manifestação ou não de um quadro de sofrimento psíquico é a que tipo de satisfação se trata quando esta é atingida pela frustração. Se, por exemplo, tal satisfação refere-se à única fonte de satisfação que o indivíduo é capaz de manter, de sustentar mediante o investimento libidinal. Quanto maior sua relevância para a satisfação do indivíduo, maior o comprometimento quando é atingida pela frustração.

De modo geral, Freud afirma que é possível que muitas pessoas não adoeçam diante de certo impedimento externo, no entanto, isso depende diretamente da capacidade que se tem em desligar-se de um objeto antes alvo de investimento libidinal, para realizar novos investimentos de maneira a continuar obtendo satisfação libidinal, ou seja, garantindo o alcance da meta pulsional. Na análise do fenômeno do luto, Freud (1915/2010), em *Luto e*

Melancolia, visa justamente esclarecer metapsicologicamente como se daria o difícil processo de desligamento do objeto de amor. Processo este que, dependendo da preexistência ou não de pontos fortes de fixação, pode desembocar num quadro de melancolia grave, em que o indivíduo manter-se-ia identificado com o objeto e a satisfação proporcionada, ou, com a elaboração da perda (do objeto e da satisfação) a criação de novas possibilidades de ligação objetal e satisfação pulsional. É, justamente, ao tratar desse ponto, que nem todas as pessoas se mostram suscetíveis ao mesmo sofrimento diante de certo impedimento externo, que Freud demonstra seu entendimento condizente à noção de séries complementares. Isto é, o mesmo raciocínio que conjuga o interno e o externo é usado por Freud para esclarecer a cristalização de um modo dominante de obter satisfação, dificilmente modificável pelo desenvolvimento posterior.

2.2 Fatores disposicionais e fatores experienciais da frustração libidinal à luz da concepção freudiana das séries complementares

Para fundamentar melhor a noção de série complementar, que é central na discussão da etiologia das depressões apresentada na dissertação, convém mencionar alguns momentos de sua obra, nos quais verifica-se que desde o início de seus trabalhos com a clínica, Freud já se perguntava sobre a cota que caberia ao fator interno/disposicional (hereditariedade, para os médicos) e a cota pertinente ao fator externo/experiencial (considerado pelos médicos meramente desencadeador) na etiologia das neuroses. É justamente nesse período que Freud passa a apresentar em seus escritos a expressão ‘fórmula etiológica’ ou ‘equação etiológica’. Essa equação ou fórmula etiológica poderia ser expressa da seguinte forma:

$$\textit{Condição} + \textit{fatores desencadeantes (acidental)} = \textit{Neurose}$$

A partir dessa fórmula, entende-se por condição: fatores internos, na época, os fatores hereditários. Ao passo que os fatores desencadeantes - acidentais -, podem ser representados pela frustração ou influências nocivas provenientes do mundo externo, sendo a conjugação destes as prováveis causas da neurose.

A fim de esclarecer o sentido em que Freud entende cada um desses termos bem como o modo que a interação entre eles pode contribuir na formação de uma neurose, vale mencionar aqui o texto *A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses*. Nesta obra, Freud nos apresenta uma discussão a respeito de quais fatores possivelmente contribuem de maneira

mais significativa ou não para a formação de um quadro neurótico. Nesse sentido, Freud (1896/1996) afirma que

Na patogênese das grandes neuroses, portanto, a hereditariedade preenche o papel de condição, poderosa em todos os casos e até indispensável na maioria deles. Ela não poderia prescindir da colaboração das causas específicas, mas a importância da predisposição hereditária é comprovada pelo fato de que as mesmas causas específicas, agindo num indivíduo saudável, não produzem nenhum efeito patológico manifesto, ao passo que, numa pessoa predisposta, sua ação provoca a emergência da neurose, cujo desenvolvimento será proporcional em intensidade e extensão ao grau da condição hereditária (p. 147).

Assim, Freud aponta, neste trecho, para a necessidade de entender a formação de um quadro de sofrimento psíquico em um sentido de uma conjugação de fatores, ou seja, a depender da intensidade dos fatores e da predisposição do indivíduo em ser afetado ou não por estes, se desencadeara diferentes quadros de neuroses e níveis de comprometimento psíquico.

Já no que se refere aos fatores desencadeantes ou acidentais, mesmo fazendo uso de outras nomenclaturas, nos parece possível atribuir o mesmo sentido ao que Freud chama nesse texto de “causas concorrentes” ou “causas auxiliares”. A respeito destas, Freud (1896/1996) aponta “todos os agentes banais encontrados em outras situações: perturbação emocional, esgotamento físico, doenças graves, intoxicações, acidentes traumáticos, sobrecarga intelectual etc.” (p. 147). Inclui também nessa mesma categoria de causas a maneira posta como aceita socialmente na época para lidar com a sexualidade:

A abstinência forçada, a excitação genital não consumada (excitação não aliviada pelo ato sexual), o coito imperfeito ou interrompido (que não termina em gratificação), os esforços sexuais que excedem a capacidade física do sujeito etc. – todos esses agentes, que ocorrem tão frequentemente na vida moderna, parecem concordar quanto ao fato de que perturbam o equilíbrio das funções psíquicas e somáticas nos atos sexuais, e de que impedem a participação psíquica necessária para libertar a economia nervosa da tensão sexual (p. 150).

Essas hipóteses de Freud podem tornar-se mais claras se lançarmos mão de outro texto. Em *Obsessões e Fobias* (1894/1996), por exemplo, Freud nos apresenta uma discussão a respeito do mecanismo psíquico e das possíveis etiologias de diferentes tipos de obsessões e fobias. Ao abordar a etiologia das fobias, Freud apresenta a possibilidade de associar o entendimento das fobias ao da neurose de angústia. Ao fazê-lo, no entanto, Freud levanta o seguinte questionamento: apesar de a neurose de angústia ter uma origem sexual, ela não se

prende a representações extraídas da vida sexual. Aliás, para o que nos interessa esclarecer, Freud parece atribuir um peso significativo ou talvez maior até às condições sociais da época do que aos processos orgânicos da sexualidade quando afirma:

Sua causa específica é a acumulação de tensão sexual produzida pela abstinência ou pela excitação sexual não consumada (usando o termo como fórmula geral para os efeitos do coitus reservatus, da impotência relativa do marido, da excitação não satisfeita dos noivos, da abstinência forçada etc.). É nessas condições, extremamente freqüentes na sociedade moderna, especialmente entre as mulheres, que se desenvolve a neurose de angústia (da qual as fobias são uma manifestação psíquica) (p. 86).

Desse modo, nesse período de suas obras, assim como em outros escritos como *A etiologia da histeria* (1896), Freud já revela um questionamento em relação ao possível lugar determinante dos fatores apenas disposicionais (no caso, ainda tido como hereditários), tendendo a dar importância aos fatores experienciais no desencadeamento de quadros de sofrimento psíquico.

Pode servir-nos como ilustração desta época de questionamento de Freud, quanto ao peso a ser atribuído a fatores disposicionais ou experiências, o surgimento de sua hipótese sobre o trauma sexual infantil. Ainda nesse período, com os avanços dessas hipóteses, ele como que reescrevesse a fórmula etiológica, desloca o acento do hereditário para o adquirido – movimento este já possível de verificar-se no trecho acima apresentado – e com isso, ele termina defendendo que o fator determinante da neurose não é o hereditário, mas o traumático sexual infantil, ou seja, um fator adquirido pela experiência. Após esse período, ocorre o abandono da Teoria da Sedução (1897) e conseqüentemente, Freud passa a introduzir uma modificação, a fim de efetuar uma readequação na fórmula etiológica, uma vez que a hipótese da fantasia passa a ganhar seu espaço.

Importante esclarecer neste momento que a Teoria da Sedução se referia à importância dada a certas “cenas sexuais” na etiologia de neuroses da época. No verbete “fantasias originárias”, Laplanche e Pontalis (2001) esclarecem que Freud entendia nesse momento a sedução como parte destas fantasias originárias e compreendia que “as chamadas fantasias originárias encontram-se de forma muito generalizada nos seres humanos, sem que se possam, em todos os casos, invocar cenas realmente vividas pelo indivíduo” (p. 174).

Desse modo, tendo dado certo peso predominante a conteúdos, no caso fantasias originárias entendidas como hereditárias/herdadas, através do termo “a posteriori” podemos identificar indícios de transição no pensamento freudiano como o mencionado acima referente ao abandono da Teoria da Sedução e aproximação à hipótese sobre o trauma sexual infantil.

Laplanche e Pontalis (2001) compreendem por “a posteriori” um termo relacionado à concepção de temporalidade que Freud passa a desenvolver. Segundo os autores, “há experiências, impressões, traços mnésicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode então ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica” (p. 33).

Assim, passa a ficar mais claro o valor que Freud começa a atribuir a “experiências novas”, ou seja, o que temos chamado de fatores experienciais. Desse modo, a hipótese sobre o trauma sexual infantil encontra um respaldo maior, conforme Laplanche e Pontalis (2001) afirmam:

1. Não é o vivido em geral que é remodelado a posteriori, mas antes o que, no momento em que foi vivido, não pode integrar-se plenamente num contexto significativo. O modelo dessa vivência é o acontecimento traumatizante.
2. A remodelação a posteriori é acelerada pelo aparecimento de acontecimentos e de situações, ou por uma maturação orgânica, que vão permitir ao sujeito o acesso a um novo tipo de significações e a reelaboração das suas experiências anteriores (p. 34).

Ou seja, é mediante a construção de sentido sobre a experiência que essa pode passar a representar um trauma ou não. Assim, configurar-se um quadro de sofrimento psíquico passa a ser constituído fundamentalmente pelas experiências adquiridas pelo indivíduo ao longo de seu desenvolvimento, uma vez que são estas experiências que o possibilitam elaborar o que foi vivido e verificar o que pode ter lhe custado diferentes formas de vivência, inclusive uma forma de sofrimento.

Naturalmente, após esse período, passamos a verificar mais indícios da transição de pensamento freudiano, sendo que a formulação da teoria da sexualidade infantil, apresentada em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) nos mostra isso. Por exemplo, a ideia de uma sobredeterminação, presente no que será chamado de séries complementares pode ser encontrada na discussão que Freud faz sobre inversão em 1905. Isso, porque a necessidade de considerar algo interno (o pulsional) e as circunstâncias externas (influência da cultura) já é explicitamente defendida em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), ao discutir a inversão sexual.

No exame das explicações existentes sobre a inversão, Freud (1905/1996) mostra tanto as limitações de leituras organicistas (inatistas) quanto aquisicionistas. Desse modo, afirma que “[...] a inversão teria um caráter inato numa série de casos, enquanto noutros poderia ter-se originado de outra maneira. O oposto disso é a concepção alternativa de que a inversão é um caráter adquirido da pulsão sexual” (p. 133).

Assim, uma das considerações pelas quais Freud (1905/1996) se utiliza para esclarecer a inversão sexual e sua possível etiologia é a seguinte:

Na vida de muitos outros [invertidos] é possível indicar influências externas favorecedoras e inibidoras que levaram, em época mais prematura ou mais tardia, à fixação da inversão (relacionamentos exclusivos com o mesmo sexo, companheirismo na guerra, detenção em presídios, os riscos da relação heterossexual, celibato, fraqueza sexual etc.) (p. 133).

No entanto, Freud (1905/1996) deixa claro que as disposições ou predisposições de que fala não se confundem com as predisposições hereditariamente determinadas defendidas pela psiquiatria e que podem predominar no senso comum. Ao contrário, tais disposições, chamadas por ele de constitucionais, resultariam do encontro e conjugação de fatores pulsionais internos com as contingências externas, como essas mencionadas na citação anterior. Assim,

Dentro dessa perspectiva, pode-se até contestar a própria existência de uma inversão inata. É possível objetar que um exame mais rigoroso dos casos reivindicados em prol da inversão inata provavelmente também traria à luz uma vivência da primeira infância que foi determinante para a orientação da libido. Essa vivência simplesmente não se teria preservado na memória consciente da pessoa, mas seria possível trazê-la de volta à lembrança mediante a influência apropriada (p. 133).

Sendo assim, Freud (1905/1996) reafirma seu entendimento a respeito de que seria necessária uma influência apropriada para trazer à tona uma experiência vivida e até então não recordada. E seria, justamente, frente à conjugação dessa influência específica externa com suas especificidades do desenvolvimento psicosssexual que resultaria na possibilidade ou não de se configurar um quadro de sofrimento psíquico, como a depressão.

É justamente mediante a noção de séries complementares, que Freud apresenta a contribuição de sua metapsicologia para se compreender melhor alguns quadros de adoecimento neurótico. Seria possível fazer uso dessa mesma noção para se avançar na compreensão do fator incapacitante presente na base da depressão, até agora, vista apenas como uma forma de inibição libidinal resultante de frustrações?

Quando Freud (1916-1917/2014) vai tratar dos possíveis fatores das neuroses, ele questiona: “em particular, são provocadas pela fixação libidinal (e pelo restante da constituição sexual) ou pela pressão da frustração?” (p. 461). A partir desse questionamento, Freud apresenta a relevância de se considerar, ao discutir um quadro de sofrimento psíquico, fatores internos que correspondem ao percurso da constituição sexual do sujeito, além de

fatores externos que demonstram convocar o sujeito a ter de lidar, de alguma maneira, com o mal-estar da frustração.

Como já indicado, é nas *Conferências Introdutórias sobre psicanálise*, que Freud (1916-17/2014) apresenta a noção de série complementar relacionada à questão do desenvolvimento da neurose, afirmando que “não há que escolher, do ponto de vista etiológico, entre o fator endógeno representado pela fixação e o fator exógeno representado pela frustração” (p. 476). Entende-se, nesse sentido, que “[...] para que a neurose se desencadeie pode bastar um traumatismo mínimo caso a fixação seja forte, e vice-versa” (p. 476).

Assim, considerando a breve discussão das fases psicosssexuais e o entendimento de Freud sobre a etiologia da neurose mediante a noção de série complementar, se torna plausível o propósito de buscar compreender a etiologia da depressão a partir da conjugação tanto dos fatores endógenos - aqui, podendo ser compreendidos como os percursos possíveis que a libido encontrou no que se refere às já mencionadas fixações, por exemplo -, quanto dos fatores exógenos - as condições proporcionadas pelo meio externo e pelas quais o sujeito procura dar conta de sua necessidade por satisfação libidinal.

No que se refere a esse esquema etiológico que Freud denominou de séries complementares, Schoffen (2014) considera que o “conflito se dá entre o mundo interno e o externo, entre os fatores disposicionais e os adquiridos” (p. 67). Além disso, essa mesma autora esclarece que, na *Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas*, Freud retoma a sua fórmula etiológica mencionada e demonstra ser possível, a partir dela, formular novas possibilidades de se ler a equação entre os fatores internos, externos e as implicações de sua conjugação.

Ademais, a partir da primeira fórmula esboçada por Freud em seus estudos da década de 1890, que supunha a conjugação entre as condições e fatores desencadeantes na determinação da neurose, Schoffen (2014) esclarece que Freud entendeu, como possível, uma outra maneira de ilustrar a etiologia da neurose:

Causação da Neurose = Predisposição por fixação libidinal + Experiência acidental do adulto (traumática)

Assim, poderia resultar em uma neurose a conjugação da predisposição à fixação libidinal com a experiência acidental do adulto. Isto é, ao histórico de fixações necessárias ao

longo do desenvolvimento psicosexual do indivíduo, somar-se-iam possíveis experiências acidentais que o adulto pode sofrer, apresentando-se o quadro da neurose como uma possibilidade de lidar com tais fatores.

Para sintetizar o que foi dito, vale lançar mão de algumas definições encontradas em alguns comentadores. Por exemplo, sobre a noção de séries complementares podem ser encontrados em *Vocabulário da Psicanálise* (2001), de Laplanche e Pontalis, a seguinte definição:

Expressão utilizada por Freud para explicar a etiologia da neurose e superar a alternativa que obrigaria a escolher entre fatores exógenos ou endógenos: na realidade estes fatores são complementares, pois cada um deles pode ser tanto mais fraco quanto o outro é mais forte, de modo que um conjunto de casos pode ser classificado numa escala em que os dois tipos de fatores variam em sentido inverso; só na extremidade da série é que não se encontraria mais do que um dos fatores (p. 476).

Desse modo, assim como já fazia na análise da inversão sexual, Freud lança mão do termo “série complementar”, a fim de superar posicionamentos unilaterais que apresentam, como exigência, escolher a quais fatores atribuir a causa de certos eventos, sendo eles endógenos ou exógenos, orgânicos ou culturais, poder-se-ia dizer. O autor demonstra entender ser necessário, justamente, fazer uma leitura de tais fatores enquanto conjugados, ou seja, considerando as implicações e influências entre eles.

Já em *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise* (2008), Zimmerman, a respeito do verbete “equação etiológica” o compreende como sinônimo de “séries complementares” e aponta ser comum na atualidade a compreensão de que a equação de Freud pode ser compreendida simplesmente mediante “uma permanente interação entre nature (fatores biológicos) e nurture (fatores ambientais)” (p. 121). Tais pontos apresentados, portanto, nos auxiliam na discussão a respeito da relação entre o papel da natureza e da experiência, servindo-nos como indicativo de como a psicanálise ultrapassa essas dicotomias de biológico e ambiental como se fossem facilmente delimitáveis.

Considerando tal fórmula de raciocínio, pretende-se partir para a discussão do fator disposicional que trata as séries complementares, a fim de se verificar sua possível contribuição na configuração do quadro da depressão.

CAPÍTULO III

CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMPONENTE DISPOSICIONAL DA SÉRIE COMPLEMENTAR: GRAUS DE INIBIÇÃO LIBIDINAL E SEU PAPEL NA ETIOLOGIA DA DEPRESSÃO

Até agora introduzimos uma discussão sobre a possibilidade de compreensão da incapacidade depressiva a partir da teoria da libido, assim como sua aproximação conceitual da noção de frustração libidinal e a utilidade da noção de séries complementares para as reflexões a que nos propomos nesta dissertação. Vimos que os esforços de Freud para pensar uma fórmula etiológica capaz de conjugar de forma coerente e consistente diferentes fatores que sobredeterminariam um quadro de perturbação psíquica como a depressão desembocaram na noção de series complementares. Assim, para prosseguir com a discussão num nível que consideramos mais aprofundado de análise metapsicológica, tentaremos agora buscar uma melhor caracterização de cada um dos componentes das séries complementares. Os componentes disposicionais (pulsionais) serão objeto de discussão deste capítulo, ficando para o próximo a do componente experiencial, bem como a da conjugação entre ambos os componentes da série.

3.1. Esclarecimentos preliminares sobre o componente disposicional e algumas modalidades possíveis de inibição libidinal

Ao tomar a noção de séries complementares, é possível trabalhar com uma concepção ampliada de frustração libidinal, uma vez que esta passa a ser entendida enquanto abrangendo a influência externa somada à disposição interna, esta despertada por aquela. Pretendendo tratar de maneira ampliada a frustração, é possível nos remeter à discussão já realizada sobre a tradução de *Versagung*, visto que, como já dito, os sentidos do termo alemão abrangem não apenas a frustração passiva a partir de algo fora do indivíduo, mas uma recusa dele próprio, isto é, uma recusa do próprio indivíduo, no sentido de não ser capaz de um funcionamento adequado devido a predisposições que podem ser despertadas pela influência externa.

No que se refere a tais predisposições, correspondendo aos fatores internos localizados segundo a série complementar original já apresentada, parece pertinente discutir os processos que levariam à inibição libidinal, enquanto uma aproximação inicial à explicitação do fator interno, a predisposição de que fala Freud. Pela exploração da noção de inibição, tem-se, como objetivo, discutir a questão da predisposição que pode ser despertada e colocada em operação por influências externas. Assim, tal discussão pode se mostrar apropriada por explicitar um dos elementos que compõem a fórmula das séries complementares, no caso, o componente disposicional ou pulsional.

A inibição, por sua vez, é entendida por Freud (1926/2014) como “uma limitação funcional do Eu”. Assim, o indivíduo que, até então, investia libido na atividade de trabalhar, agora deixa de fazê-lo por conta de empobrecimento do Eu, tornando-o incapacitado, considerando o desempenho que se espera que realize em dadas situações. Freud (1926/2014), quanto a isso, esclarece que “sobre as inibições podemos dizer, concluindo, que são limitações das funções do Eu⁵ por precaução ou devido ao empobrecimento de energia” (p. 19).

Desse modo, considerando que Freud parte do entendimento de que a inibição consiste em uma limitação das funções do Eu, quais seriam tais funções que se espera que o Eu realize normalmente, e que, no caso da inibição, mostram-se limitadas? Tomando a citação acima do autor, na qual ele pontua duas motivações para as inibições, acredita-se que será possível esclarecer, partindo de tais motivações, o que se espera, em um sentido funcional, do Eu.

Freud (1926/2014), portanto, no que se refere às limitações do Eu em termos de investimento libidinal, considera que as inibições se dariam por conta de duas condições específicas, sendo elas: 1) inibição por precaução e 2) inibição por empobrecimento de energia, como mencionado acima. Poder-se-ia compreender o primeiro como o caso da inibição decorrente de uma atitude de precaução por parte do Eu em relação ao mundo externo, deixando de investir libido em objetos (libido de objeto) e armazenando-a narcisicamente em si (libido narcísica ou libido do Eu) até um momento favorável. Poder-se-ia dizer, ainda, que, nesse caso, o Eu dispõe de libido, mas a tendência a se afastar libidinalmente dos objetos pode decorrer, por exemplo, de alguma vivência traumática anterior, ou seja, de uma experiência desagradável que justificaria ao Eu uma tendência a

⁵A referência ao Eu aqui não coincide mais com a referência ao indivíduo genérico. O Eu, aqui, diz respeito à instância psíquica introduzida em 1923. Além disso, na nova tópica o Eu não pode ser tomado como uma instância independente nem autônoma, por sofrer influências de diferentes fontes de sofrimento.

inibir investimentos objetais. Desse modo, o indivíduo libidinalmente precavido poderia ser visto como aquele que, por prudência, procura afastar-se deles sempre que se verifique algum sinal de sofrimento.

Já a inibição do segundo tipo, diria respeito a um retraimento libidinal motivado por fatores disposicionais/pulsionais provenientes da própria história do desenvolvimento e conformação do Eu, como ficará claro na discussão do modelo da melancolia. No caso de um adulto, por exemplo, a tendência a se identificar com o objeto, perdido no grau descrito por Freud, pode ser explicado por algum tipo de tendência à identificação, aliada a outros prejuízos egóicos, que proviriam de fixações estabelecidas ao longo do desenvolvimento psicosssexual, podendo resultar em certo empobrecimento de libido por parte do Eu. Nesse caso, pode-se imediatamente perguntar: qual ou quais poderiam ser as razões desse empobrecimento libidinal? Poder-se-ia falar de algum tipo de fuga ou perda de libido, de modo a deixar o Eu tão empobrecido ao ponto de ver-se incapacitado - vale lembrar-se do fator incapacitante tomado como base da depressão desde o início desse trabalho - em seus investimentos objetais?

3.2 Inibição por precaução: a inibição enquanto alternativa diante do medo do sofrimento

A respeito do primeiro caso, de inibição por precaução, entende-se que o Eu não investe libido em objetos por precaução, ou seja, por alguma experiência anterior frustradora, por exemplo, como já antecipamos. Assim, é possível compreender que, nesse caso, a experiência da frustração fez com que o indivíduo recorresse à precaução, isto é, à retirada de libido do objeto. Desse modo, como já mencionado, diante da ameaça de frustração ou qualquer tipo de sofrimento, o indivíduo vê, na retirada da libido do objeto, uma possibilidade de lidar com tal sofrimento.

A fim de explicitar e desenvolver melhor como e porque pode se instalar uma tendência de retraimento libidinal como essa mencionada acima, pode-se fazer alusão ao modelo da vivência de dor, conforme se verifica no *Projeto Para uma Psicologia Científica*, de 1895. Nele, Freud (1895/1996) concede à dor o atributo de o “mais imperativo de todos os processos” (p. 367), entendendo a dor enquanto um processo que incita muitas mudanças e movimentos no aparelho psíquico, todas caracterizadas pela fuga diante do objeto hostil ou sua recordação. Além disso, no que se refere a essa tendência de retirar libido de um objeto que ofereça certo sofrimento, Freud (1895/1996) considera que

Quando a imagem mnêmica do objeto (hostil) é renovadamente catexizada por qualquer razão – por nova concepção, digamos -, surge um estado que não é o da dor, mas que, apesar disso, tem certa semelhança com ela. Esse estado inclui o desprazer e a tendência à descarga que corresponde à experiência da dor (p. 381).

Assim, percebe-se que o que pode motivar a retirada de libido do objeto não é necessariamente a dor especificamente, mas sim a lembrança de tal sofrimento mediante a sensação de desprazer e descarga correspondente à experiência de dor já vivida pelo indivíduo. Tal associação já se mostraria suficiente para que o indivíduo, sempre que a percepção oferecesse alguma indicação sobre o objeto hostil no mundo externo, procurasse suspender o investimento libidinal.

A inibição, em outras palavras, a retirada da libido objetual, tornar-se-ia uma tendência de funcionamento pertinente diante de alguma situação de conflito psíquico para o indivíduo, sendo que, conseqüentemente, diminuir ou interromper algum investimento traria menos angústia que a manutenção dele. É preciso reconhecer também que essa tendência pode ir de um grau baixo, de evitações neuróticas de objetos – possivelmente, em casos de depressões leves -, até um mais alto, configurando-se, talvez, inibições fortes, ou seja, fobias ou depressões fortes, no sentido de alto grau de incapacidade -, que, em seu extremo, aproximar-se-ia do segundo caso de inibição por empobrecimento do Eu (melancolia), a ser discutido logo mais. Logo, novamente, vê-se aqui o raciocínio freudiano baseado numa série que parte da inibição considerada normal à patológica.

Diante de tal possibilidade de sofrimento por conta desse conflito, restaria ao Eu um empobrecimento funcional, manifesto talvez na extensão reduzida dos laços que sente-se capaz de estabelecer com a realidade. No entanto, como já esclarecido nessa discussão, o Eu se vê tendo a pagar um preço por essa posição, sendo o de, em caso de incapacidade de investimento libidinal devido a inibições mais intensas, paralisarem-se suas relações afetivas com o mundo, seja referente ao trabalho, relações amorosas, etc., retomando as implicações já apresentadas do fator incapacitante atribuído à depressão. É importante ressaltar, nesse momento, que, com frequência, ao sujeito deprimido também lhe é atribuído o caráter paralisado diante das demandas das relações, uma vez que, de fato, ao se retirar libidinalmente de certas relações, as demandas destas já não o afetariam como antes.

Outro elemento que pode nos auxiliar a fim de compreender melhor como se dá a inibição por conta da precaução é o conceito de angústia – sendo que Paulo César de Souza (2010) esclarece que, em alemão, há apenas uma palavra para “medo” e “angústia”, *Angst*.

Desse modo, se tomarmos a noção de angústia, aqui, como equivalente para medo, é possível entender que tal recuo libidinal, presente nesse caso de inibição por precaução, pode sofrer influência do medo (angústia) frente a algo. Em *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) afirma que o Eu é o sitio da angústia/medo, uma vez que encontra-se submetido à uma espécie de servidão advinda de três perigos tais como o mundo exterior, exigências pulsionais e imposições morais. A angústia/medo seria, portanto, o recuo diante destes perigos.

Recuo esse, portanto, podendo ser entendido como a própria inibição por precaução diante da ameaça de algum sofrimento. Assim, ao se interrogar a respeito de quais seriam as possíveis funções de um Eu considerado normal, no caso da inibição por conta de uma precaução imposta pelo mundo, nota-se que há certa dificuldade em lidar com uma frustração vivida de maneira a realizar novos investimentos em novos objetos. Supostamente, é esperado para um Eu que exerça suas funções normalmente, que não haja uma dificuldade significativa para se lidar com a frustração mediante de novos investimentos, assim como com as ameaças de variados perigos ofertados pelas três direções, como mencionado acima.

A partir do momento no qual inibir-se, retirar-se libidinalmente da relação, mostra-se como mais viável do que a realização de novos investimentos objetivos, em nome de uma precaução que oferte, minimamente, ao Eu, uma sensação de segurança, pode passar a se configurar um leve quadro de tristeza ou timidez, podendo ou não culminar posteriormente em um quadro definido de depressão.

Não seria justamente, portanto, esse paralisar associado à inibição que o incapacita? Sendo assim, tal fator incapacitante começa a se mostrar, de certa maneira, como uma escolha⁶ do Eu a fim de evitar algum tipo de sofrimento. No entanto, como já mencionado, evitar certo conflito que pode resultar em algum sofrimento logo passa a culminar em um outro sofrimento: a depressão – considerando o raciocínio que temos tomado até esse momento do trabalho.

Desse modo, considerando a discussão realizada até o momento e levando em conta os pontos ainda a serem abordados nas próximas seções, é importante ainda fazer alguns apontamentos quanto ao desenvolvimento psicosexual, no que se refere ao primeiro caso de inibição pensado por Freud, a inibição por precaução. Vale lembrar que o objeto da pulsão, como Freud (1915/2010) esclarece em *Os instintos e seus destinos*, é aquele pelo qual a

⁶Importante ressaltar aqui que o termo escolha não designa uma eleição deliberada por parte do indivíduo, mas consistiria em um “conjunto de processos pelos quais um sujeito se implica na formação de determinado tipo de psicose de preferência a outro” (Laplanche & Pontalis, 2001, p.153). Ou seja, nesta escolha não está em jogo uma simples decisão consciente do indivíduo ao acaso, uma vez que fatores disposicionais influenciam de forma inconsciente parte desta escolha, conforme o percurso necessário no desenvolvimento psicosexual do indivíduo.

pulsão alcança sua meta, sendo única e exclusivamente, a satisfação libidinal. Sendo assim, para que seja possível alguma satisfação, é necessário que a pulsão encontre algum objeto. No entanto, como já discutido na seção a respeito do processo da fixação no capítulo anterior, Freud o associa a certa oposição à dissolução do laço existente entre pulsão e objeto, ou seja, a fixação estaria relacionada com a dificuldade em lidar com a interrupção do investimento libidinal em determinado objeto, talvez devido à dificuldade de abandonar a satisfação aí obtida.

Considerando essas afirmações apresentadas até então, teria a fixação algo relacionado com o que se discutiu sobre frustração? Em *Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica*, Freud (1915/2010) esclarece que “essa *inércia psíquica* especializada é apenas uma expressão diferente, dificilmente melhor, para aquilo que na psicanálise estamos habituados a chamar de *fixação*” (p. 208; grifo do autor). Tal inércia, portanto, aconteceria diante da necessidade de suspender o investimento libidinal em algum objeto, podendo a perda da satisfação ser uma situação capaz de ilustrar tal momento. A fim de lidar com essa situação de perda de satisfação ou qualquer uma que demande do indivíduo reavaliar o investimento libidinal, há a possibilidade de redirecionar a libido a novos objetos, podendo ser esses objetos externos ao Eu ou podendo ser o próprio Eu uma opção de objeto - nos casos nos quais a libido retorna para o Eu e, dessa forma este passa a se posicionar como objeto. Esse movimento de retorno da libido para o Eu configura o que Freud entende por regressão narcísica da libido. Sendo assim, como também já discutido no capítulo anterior a respeito do processo de regressão, considerando uma situação de sofrimento frente à relação com algum objeto, a regressão libidinal aponta para a possibilidade da libido, até então investida em algum objeto, poder retornar ao Eu, configurando um retorno da libido, remetendo aos momentos iniciais do desenvolvimento do aparelho psíquico.

Ainda em *Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica*, Freud (1915/2010), ao tratar de um caso que envolve certa regressão da libido, apresenta o mecanismo de identificação como necessário para o retorno da libido ao Eu. Quanto a isso, ele afirma que “com uma pequena regressão; em vez de tomar a mãe como objeto amoroso, identificou-se com ela, tornou-se ela própria a mãe” (p. 205). Ou seja, um recurso possível diante da dificuldade em manter investimento libidinal na mãe, por exemplo, mantendo-a como objeto amoroso, pode se recorrer, mediante o retorno da libido ao próprio Eu, à identificação. Assim, o Eu, identificado ao antigo objeto, passa a apresentar características dele, facilitando lidar com a dificuldade em manter o antigo vínculo objetal com a mãe.

Ainda no que se refere à identificação com os objetos parentais na saída do Complexo de Édipo, em *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) afirma que é justamente através da identificação que a saída do complexo de Édipo se torna possível. Isso, porque, diante da necessidade de mudança na relação objetal com o pai e a mãe, a identificação se mostra como possibilidade de resolução dessa fase do desenvolvimento, como no trecho abaixo:

Com o desmoronamento do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado. Em seu lugar pode surgir uma identificação com a mãe ou um fortalecimento da identificação com o pai. Costumamos ver este segundo desfecho como o mais normal; ele permite conservar, em alguma medida, a relação terna com a mãe. (p. 40).

É possível compreender, portanto, a regressão da libido como processo fundamental para o mecanismo da identificação. Ainda em *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) discute a identificação de maneira a retomar o mecanismo da melancolia para reconhecer o caráter universal da identificação na conformação do Eu.

Talvez, com essa introjeção que é uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o Eu facilite ou permita o abandono do objeto. Talvez essa identificação seja absolutamente a condição sob a qual o Eu abandona seus objetos. De todo modo, o processo é muito freqüente, sobretudo nas primeiras fases do desenvolvimento, e pode possibilitar a concepção de que o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto. (1923/2011, p. 36).

Nesse momento, Freud nos esclarece a relevância do processo de identificação desde as primeiras fases do desenvolvimento. Seria através do acúmulo de investimentos objetais abandonados que se daria a formação do Eu, inclusive, a conformação do Ideal do Eu, instância relevante para a discussão posteriormente.

A identificação, dessa maneira, pode ser compreendida como substituta da ligação objetal libidínica. Assim, identificando-se com o objeto amoroso, deixa-se de ter que lidar com sua perda ou ausência, uma vez que o objeto perdido passa a ser introjetado no Eu.

Considerando os processos apresentados até então, nota que se produz certa relação entre seu funcionamento. Laplanche e Pontalis (2001) compreendem a fixação como relacionada ao “[...] fato de a libido se ligar fortemente a pessoas ou imagens, de reproduzir determinado modo de satisfação e permanecer organizada segundo a estrutura característica de uma das suas fases evolutivas” (p. 190). Assim, entende-se que a fixação se coloca como uma alternativa de ter satisfação - esta como meta única para a pulsão -, culminando em um caminho de regressão libidinal.

Partindo da descrição breve desses processos internos - fixação, regressão e identificação -, a ideia de frustração, enquanto constituída, em partes, de um movimento de recusa do próprio indivíduo à satisfação, passa a se mostrar mais plausível. Devido à possibilidade de algum sofrimento, o indivíduo se percebe com a necessidade de, se não interromper, alterar sua relação libidinal com o objeto. Assim, por meio desses processos internos, o indivíduo se movimenta de maneira a recusar a si a satisfação libidinal, sendo que, submetendo-se a esses processos, o indivíduo passa a buscar novas formas possíveis de lidar com o sofrimento decorrente da cessação do investimento em dado objeto.

Ao recusar a si mesmo certa satisfação libidinal, quais seriam as possíveis implicações com as quais o indivíduo teria que lidar? Partindo da afirmação de Freud (1926/2014) em *Inibição, sintoma e angústia*, na qual ele considera que “a partir daí deve ser possível encontrar uma via para compreender a inibição geral que caracteriza os estados de depressão, incluindo o mais grave deles, a melancolia” (p. 19), percebe-se a possibilidade de compreender a depressão como uma série sintomática, composta de diferentes estados de depressão.

É o próprio Freud, portanto, quem leva-nos a reafirmar o caminho percorrido até agora, nesta dissertação, já que o esclarecimento dos possíveis fatores intervenientes em diferentes graus de inibição libidinal pode servir para esclarecer diferentes formas em que se manifesta o chamado estado depressivo. Assim, dado que na inibição por precaução um Eu relativamente presente em suas funções parece ainda governar a retirada de libido e sua redirecionamento a outros fins, este tipo de inibição poderia explicar estados depressivos leves. Por outro lado, restaria, segundo as palavras de Freud, buscar esclarecimento sobre o que o autor considera o estado mais grave de depressão, a melancolia. Seguindo a linha de raciocínio aqui desenvolvida, tentemos então dar prosseguimento às nossas discussões, e examinemos uma outra modalidade de inibição ou incapacidade libidinal grave que talvez nos auxilie a compreender algumas formas extremas de depressão.

3.3 Duas formas de Inibição por empobrecimento pulsional

Considerando ser a proposta deste capítulo discutir o componente disposicional da série complementar mediante a apresentação de diferentes graus de inibição libidinal, concluímos o tipo de inibição por precaução. Assim, até o momento, nos foi possível compreender que a inibição se mostra importante em uma situação de recuo à satisfação libidinal frente a algum tipo de medo ou ameaça de sofrimento. Agora, nos propomos a

pensar a inibição a partir do empobrecimento pulsional pelo superinvestimento ou idealização de um objeto para depois passarmos para o caso de empobrecimento pulsional por meio da identificação com o objeto. Tal percurso nos possibilitará pensarmos os graus possíveis de inibição libidinal, bem como seu possível papel na etiologia da depressão.

3.3.1 Inibição por empobrecimento pulsional decorrente do superinvestimento libidinal ou da idealização do objeto

Nesse momento, vale retomar as motivações à inibição indicadas por Freud (1926/1914): “sobre as inibições podemos dizer, concluindo, que são limitações das funções do Eu por precaução ou devido ao empobrecimento de energia” (p. 19). Sendo assim, pensando tal empobrecimento de energia, poderíamos supor, por exemplo, duas possibilidades. A primeira se refere a um possível superinvestimento em objetos externos e, conseqüentemente, pode ocorrer um empobrecimento demasiado do Eu, sem que obtenha satisfação necessária ao reforço narcísico, conforme comentado acima. Já a segunda possibilidade diz respeito ao empobrecimento em decorrência da identificação com o objeto perdido, conforme veremos na discussão do modelo da melancolia.

No entanto, apesar de desgastante em termos libidinais, tornando o Eu empobrecido, ou seja, inibido/incapacitado, o que levaria o sujeito a manter o investimento libidinal com o objeto? Ele suportaria o empobrecimento libidinal do Eu por depositar demasiada libido nesse objeto, sendo assim, toda e qualquer satisfação viria dessa relação, mesmo que o sofrimento a ser pago juntamente consista em acabar por restringir as possibilidades de satisfação do indivíduo. Esse movimento nos remete à noção de idealização de um objeto, ou seja, um superinvestimento libidinal em um único objeto, configurando em um excesso de libido objetal e, naturalmente, em um empobrecimento do Eu.

Se retomarmos a teoria da libido, apresentada quando discutidas as possíveis contribuições metapsicológicas para a compreensão da incapacidade depressiva, é possível esclarecer melhor o estado desse Eu que superinveste em um objeto. O mecanismo da idealização implica num sobre-investimento libidinal no objeto, que termina por engrandecê-lo⁷.

Diante desse movimento, vale resgatar algumas interrogações já feitas quando discutida a questão da libido e a incapacidade depressiva, agora, pensando quanto à inibição

⁷Indica-se *Introdução ao Narcisismo* (1914) no que se refere a considerações sobre idealização.

no caso de uma idealização de objeto. Assim, seria possível pensar que, no que se refere ao investimento em objetos, quando feito demasiadamente, pode não resultar em uma satisfação adequada ou esperada, de modo que persistiria a insatisfação libidinal? Dessa maneira, seria nesse empobrecimento do Eu que a incapacidade de exercer funções cotidianas – consideradas como as mais prejudicadas pela depressão – encontraria algumas respostas?

O que levaria, portanto, um Eu a depositar quase todos os seus recursos libidinais no objeto, empobrecendo-se? No que se refere à configuração subjetiva desse tipo de Eu, é importante dizer que o indivíduo passaria a projetar a responsabilidade de seu sofrimento para o objeto superinvestido, facilitando na configuração de uma espécie de sentimento de ódio ou ressentimento talvez. Nesse caso, o indivíduo apresenta certa tolerância à frustração, mas com o propósito de delegar a um único objeto a função de satisfação. O sujeito, assim, acomodaria-se em um lugar de empobrecimento libidinal - incapacitado/deprimido - a fim de não se mostrar tão necessário realizar novos investimentos e, possivelmente, deparar-se com novos sofrimentos decorrentes de novos investimentos objetivos.

Desse modo, como já mencionado, Freud tende a considerar que os estados de depressão são caracterizados, ao que tudo indica, por uma inibição geral, manifestando-se em diferentes graus, inclusive no que denomina a melancolia, tida como a mais grave entre os estados depressivos. Portanto, a inibição por precaução, assim como o superinvestimento libidinal pela idealização, podem indicar possibilidades de estados gradativos de funcionamento psicosexual que explicaria diferentes graus em que podem se manifestar os sofrimentos considerados depressivos, uma vez que apontam para diferentes configurações nas quais a frustração libidinal incapacita o indivíduo de alguma maneira.

Seguindo nos casos de inibição por superinvestimento libidinal, a melancolia, por fim, apresenta-se como um dos possíveis casos mais graves de sofrimento depressivo, podendo talvez ser considerada como o extremo mais agravante da série sintomática tomada para se entender o quadro da depressão e, assim sendo, a que provavelmente mais incapacita o indivíduo. Em vista disso, passemos a ela.

3.3.2 Uma forma mais grave de inibição por empobrecimento pulsional: a regressão egóica e a identificação com o objeto perdido no modelo da melancolia

Pensando nos estados de depressão considerados por Freud como algo próximo a uma série sintomática, variando, portanto, como mencionado anteriormente, desde tristezas normais até o próprio estado melancólico - considerado o estado mais grave de depressão -, é

possível notar que, ao longo da discussão feita até então, tem sido possível verificar alguns elementos fundamentais para a definição, mesmo que em partes e não absoluta, a respeito do possível grau de sofrimento depressivo. Ainda, a depender do que se espera em termos funcionais/produtivos do indivíduo - aqui, vale retomar a discussão introdutória feita a respeito não apenas das diferentes perspectivas de depressão, incluindo a psiquiátrica, sociológica e psicanalítica, mas também sobre o quanto as referências de desempenho e produtividade, específicos de cada organização cultural, custam ao indivíduo -, quais seriam os efeitos de diferentes níveis da incapacidade depressiva?

Considerando, portanto, todas essas questões pertinentes ainda ao assunto, pretende-se apresentar e discutir de maneira mais aprofundada o esquema explicativo da melancolia, proposto por Freud, visando tomá-lo como ilustração de casos graves de sofrimento depressivo. Sendo assim, ao retomarmos a segunda condição de inibição para Freud - o empobrecimento de energia -, a primeira possibilidade de empobrecimento de energia foi pensada como aquela que sedaria mediante o superinvestimento direcionado a um objeto libidinal, o que poderia resultar em sua idealização. As consequências, em termos do tipo de configuração subjetiva, nesse caso, como já mencionados, resumir-se-iam, basicamente, a uma restrição de possibilidades de satisfação. Isso, porque a função de se satisfazer libidinalmente seria atribuída a apenas um único objeto, inflando sua importância no contexto do indivíduo e empobrecendo o eu, uma vez que outros investimentos deixam de ser necessários, ou mesmo possíveis.

Já no que se refere à segunda possibilidade de inibição por empobrecimento de energia, o modelo freudiano da melancolia ensina-nos uma outra saída frente à frustração libidinal imposta pelo mundo externo. Ao se deparar com tal situação, o indivíduo se movimenta para outra direção, em relação ao caso anterior de inibição. Ou seja, neste, diante da frustração libidinal, pontos de fixação podem ativar processos de regressão a estágios precoces do desenvolvimento psicosssexual, assim como mecanismos psíquicos característicos desse estágio passariam a ser adotados, como a incorporação oral psiquicamente traduzida pelo mecanismo de identificação do Eu com o objeto.

Acerca do modelo da melancolia, em *Luto e Melancolia*, Freud (1915/2010) o descreve da seguinte maneira:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa, por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi normal – a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo -, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal

demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado (p. 180-181).

Assim, o quadro da melancolia se configura a partir de uma situação de frustração libidinal, na qual a relação com o objeto se vê na necessidade de terminar. Diante disso, em vez de a libido ser, com a elaboração do luto, reinvestida em um novo objeto, o indivíduo demonstra sofrer certa inibição, uma vez que restabelecer uma nova relação objetal mostrar-se-ia impossível libidinalmente, diante da força de atração dos pontos de fixação. Desse modo, a regressão se mostra como possibilidade viável e no caso da melancolia, a regressão se dá no Eu. É ele que funcionalmente se vê sugado em suas funções e levado a adotar formas de funcionamento (mecanismo psíquico) de outro tempo, como dos tempos imemoriais (não recordados), por isso inconsciente para o restante do Eu que permaneceria parcialmente ainda ligado à realidade atual.

Segundo o modelo da melancolia, diante de uma perda, o sujeito, ao invés de realizar um novo investimento em outro objeto a fim de continuar a se satisfazer libidinalmente, decide - no sentido da “escolha” antes mencionada - por recuar tal libido em direção ao Eu. Assim, pode-se compreender que, diante da dificuldade em elaborar o processo de perda do objeto, uma alternativa encontrada pelo sujeito passa a ser voltar a libido para si próprio, uma vez que, dessa maneira, ele mesmo se torna o objeto perdido na esperança de não mais ter de lidar com uma nova perda, ou seja, submete-se a um processo de inibição a fim de se proteger de alguma ameaça de sofrimento.

Assim, o Eu supostamente encontra-se seguro, no entanto, inibido, em outras palavras, não mais funcional. Segundo Freud (1915/2010), em *Luto e Melancolia*, no que se refere ao processo da melancolia, nota-se “um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima (recriminações e ofensas a si próprio)” (p. 172). Cabe aqui complementar que tais sintomas podem ser vistos como aqueles descritos nos quadros graves de depressão.

A respeito do movimento da melancolia, portanto, se destacarmos a “perda da capacidade de amar” e “inibição de toda atividade”, torna-se possível verificar o quanto a melancolia pode dizer da frustração, ou seja, do movimento de se recusar certa satisfação, resultando em uma incapacidade grave tida como base do quadro de manifestações igualmente graves da depressão.

Além das considerações feitas até aqui, sobre a frustração nela envolvida, para se compreender o processo da melancolia, conforme Freud a entende, é imprescindível recorrer ao processo de identificação, já discutido anteriormente. Nas palavras de Freud (1915/2010), em *Luto e Melancolia*, “a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação” (p. 181). Em outras palavras, a fim de não abrir mão do objeto, mediante a identificação, o sujeito oferece o próprio Eu para que esse objeto ainda exista de alguma maneira introjetado. Assim, retomando a noção de diferentes graus do sofrimento depressivo, é possível perceber que, no caso da melancolia lidar com a perda do objeto, mostra-se muito mais custoso, a ponto de aparentar mais viável, em termos libidinais, escolher o objeto em detrimento do próprio Eu.

Segundo o entendimento de Freud (1921/2011), é justamente a identificação do Eu com o objeto perdido que explicaria algumas das características que se verificam no quadro da melancolia. Escreve ele:

Outro exemplo dessa introjeção do objeto nos é dado pela análise da melancolia, afecção que tem, entre suas causas mais notáveis, a perda real ou afetiva do objeto amado. Uma característica maior de casos assim está na cruel autodepreciação do Eu, unida a uma implacável autocrítica e amargas recriminações a si próprio. As análises revelaram que essa avaliação e esses reproches se aplicam ao objeto, no fundo, representando a vingança do Eu frente a ele [...] (p. 67).

Continuando a tratar das implicações da identificação do Eu com o objeto no psiquismo, Freud (1923/2011) afirma que as melancolias, de um modo geral, apontam para o Eu dividido em duas partes, sendo uma dessas, resultante do mecanismo da introjeção, “que contém o objeto perdido” (p. 67). Por isso, com o avanço em sua compreensão sobre a constituição do psiquismo, anos depois da formulação de sua concepção sobre o mecanismo psíquico da melancolia, Freud compreende que essa porção do Eu de um adulto melancólico que abrigou o objeto perdido pode ser chamada, no processo de desenvolvimento do Eu infantil, também de ideal do Eu⁸, uma vez que “[...] gradualmente ela acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu” (p. 68).

⁸Em *O Eu e o Id* (1923/2011), Freud define *ideal do Eu* como sendo “uma gradação no Eu, uma diferenciação em seu interior” (p.34). Além disso, Freud compreende que essa instância seria “herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Id” (p.45).

Convém esclarecer que a consideração desses desenvolvimentos na teoria freudiana, sobretudo a introdução do Ideal do Eu e do Super-eu, obrigar-nos-ia a estender nossas reflexões sobre a depressão ao tema do sentimento de culpa inconsciente. No entanto, esse desenvolvimento ultrapassaria os limites estabelecidos para as reflexões a que nos propomos nesta dissertação.

A partir da compreensão do papel central desempenhado pelo mecanismo da identificação na conformação do psiquismo e na diferenciação das instâncias psíquicas, a ação de processos identificatórios, que explicariam o empobrecimento libidinal egóicos pode ser compreendida como decorrente da contribuição de influências externas (perdas, traumas etc.). Estas colocariam, em ação, disposições constitucionais, no caso, poder-se-ia supor uma fixação na tendência oriunda de fase precoce do desenvolvimento psicosexual a identificar-se com o objeto. Vemos, assim, que, mesmo com o avanço na compreensão teórico-clínica de Freud, o modelo explicativo baseado nas séries complementares permanece inalterado.

Desse modo, no que se refere ao âmbito da libido, o indivíduo sempre demonstrou dificuldade em renunciar à satisfação uma vez experimentada. Tal afirmação pode nos remeter justamente à frustração que consiste no movimento do próprio sujeito recusar a si mesmo certa satisfação. No entanto, ele não rouba simplesmente de si a experiência de se satisfazer libidinalmente. Tal movimento se refere a se satisfazer de uma outra maneira, ou seja, satisfazendo o Ideal do Eu, o que o remete à satisfação absoluta vivida na infância.

Se pretendeu, portanto, neste capítulo expor como as descrições de Freud dizem respeito aos componentes disposicionais - tema a que se propõe tratar o capítulo e, sobretudo, esta seção - das séries complementares. Ademais, os processos psíquicos que explicariam a inibição grave que estaria presente na base de casos de depressão graves (melancolia), juntamente com os demais tipos de inibição acima descritos, configurariam exemplos do que o capítulo se propôs a explicitar como componentes disposicionais das séries complementares.

Sendo assim, cabe ao próximo capítulo apresentar e discutir, por sua vez, o componente experiencial localizado nas séries complementares e sua contribuição no desencadeamento da depressão.

CAPÍTULO IV

O COMPONENTE EXPERIENCIAL SOB A ÓTICA DAS SÉRIES COMPLEMENTARES: TENTATIVA DE EXPLICAÇÃO METAPSICOLÓGICA SOBRE O PAPEL DAS INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS NO DESENCADEAMENTO DA DEPRESSÃO

No capítulo anterior, tentamos esclarecer o componente predisposicional da série complementar considerado por Freud no que se refere aos processos inibitórios. A partir de agora, vamos esboçar uma discussão sobre o papel dos componentes da série complementar que no aparelho psíquico corresponderiam às influências das percepções ou as influências externas nos processos inibitórios que levariam ao desencadeamento de processos depressivos. Desse modo, poderíamos começar perguntando: como dar um tratamento metapsicológico para a influência dos fatores externos contemplada pelas séries complementares?

Como buscamos indicar ao longo do percurso feito até o momento neste trabalho, o propósito neste capítulo obviamente não será o de realizar uma discussão sociológica das prováveis influências sociais e culturais no desencadeamento da depressão. Diferente disto, pretende-se apresentar uma leitura metapsicológica sobre o papel dos componentes socioculturais da série complementar, ou seja, do campo social/cultural que devem, segundo a fórmula freudiana das séries complementares, necessariamente, ser considerados como indissociavelmente articulados com fatores predisposicionais ou pulsionais na produção do quadro da depressão.

O que se pretende aqui é, a partir da consideração do componente experiencial da série complementar, que tem a ver com as percepções do indivíduo em relação à realidade que o cerca, compreender a maneira como restos psíquicos das influências sociais/culturais conjugam-se aos fatores libidinais já discutidos, conformando as bases dos processos psíquicos dos quadros depressivos.

Para tanto, este capítulo foi organizado da seguinte maneira: Em um primeiro momento apresentaremos uma breve caracterização das condições sociais e culturais dos dias de hoje no que se refere às configurações das relações pessoais, assim como o que tem se

apresentado como possibilidade de satisfação para o sujeito contemporâneo. Feito isso, mediante a consideração do objeto da pulsão, nossa reflexão metapsicológica buscará articular os fatores experienciais aos pulsionais, discutidos no capítulo anterior. Espera-se que tal discussão possibilite-nos tratar da meta da pulsão - que pode ser entendida como o investimento libidinal naqueles objetos visando a satisfação - e das maneiras que tem sido possível alcançar essa meta atualmente, seja de maneira parcial ou supostamente plena. O próximo ponto a ser discutido trata das possíveis implicações psíquicas deste cenário objetal contemporâneo. Dentre tais implicações, abordar a noção dos processos primários mostra-se necessário a fim de compreender melhor o quanto pode estar custando investir libidinalmente nos objetos disponíveis nos dias de hoje. Por fim, visa-se discutir se os possíveis efeitos de uma prevalência dos processos primários poderiam estar contribuindo para a manifestação de quadros de incapacidade depressiva. Ou seja, buscar verificar se a proliferação de objetos que prometem a satisfação pulsional tem dificultado o estabelecimento de relações objetais mais elaboradas, concretas, duradouras e, de fato, satisfatórias no sentido libidinal.

4.1 Alguns aspectos da condição sociocultural contemporânea e seu papel etiológico nas séries complementares

Considerando a maneira pela qual a sociedade contemporânea tem se organizado e se estruturado, nesta seção examinaremos algumas possibilidades de tal configuração contemporânea contribuir de alguma maneira para o desencadeamento da depressão, ou seja, tentar compreender como a cultura e a sociedade podem estar contribuindo para a instalação da incapacidade presente na base dos quadros depressivos.

Sendo assim, para tentar tratar metapsicologicamente da influência do social – que estará psiquicamente representado pelo componente perceptivo na fórmula das séries complementares – é preciso considerar, mesmo que de maneira breve, alguns aspectos das condições socioculturais atuais com que o indivíduo tem se deparado, e que poderiam ser cogitadas como relacionadas à etiologia das depressões.

4.1.1 Breve caracterização de alguns aspectos socioculturais de hoje

A época à qual se encontra uma sociedade é responsável por dar sentido a diferentes aspectos da existência humana e, como consequência deste movimento, responsável também

por proporcionar ou não recursos e condições para se lidar com o sofrimento inerente à vida em civilização. No que se refere ao tempo de cada sociedade, Ceccarelli (2010) considera que

Cada momento socio-histórico produz a subjetividade que lhe é própria. Subjetividade essa que é tributária dos modelos identificatórios culturalmente valorizados e das sublimações significantes do momento em questão. Isso significa que a sociedade forma tanto a psique quanto seus inúmeros derivados, dentre os quais os sintomas. Nessa perspectiva, da mesma forma que a constituição do Eu não pode ser separada da sociedade na qual ele emerge, o padecimento psíquico traz as marcas da sociedade e do momento socio-histórico que o produz. (p. 129)

Assim, conforme diz Ceccarelli, cada época produz mal-estar à sua maneira. Como podemos, então, pensar o mal-estar especificamente depressivo em nossa época? Para refletir acerca desta questão, alguns esclarecimentos de Debord (1997) podem ser pertinentes, uma vez que o autor nos apresenta a noção de “sociedade do espetáculo”, termo este que visa tecer uma análise crítica a respeito de valores contemporâneos como consumismo, imagem, etc.

O indivíduo contemporâneo pode ser entendido, conforme Debord (1997), como ocupante de um lugar de espectador por estar à mercê da demanda de uma sociedade de espetáculos. Tais espetáculos demonstram ter a oferecer ao indivíduo contemporâneo uma existência meramente visual, de pura imagem e representação, convocando o sujeito a ocupar um lugar apenas de reprodutor de valores, ou seja, de mero objeto. Como consequência desse movimento - ou falta de um -, Debord (1997) esclarece: “O mentiroso mentiu para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo” (p. 13). A fim de manter uma posição do não vivo, a sociedade fundamentada na lógica do espetáculo se ampara em elementos como o caráter indiscutível e inacessível de suas práticas, a aceitação passiva e o monopólio da aparência. Estando de acordo com tais valores, não cabe ao indivíduo a opção de se colocar como sujeito nas suas relações, sujeito no sentido de se ver com condições para identificar o que deseja e o que desejam que deseje.

No intuito de também analisar os pilares sobre os quais nossa sociedade tem se desenvolvido, Maria Rita Kehl (2003) considera que o cenário contemporâneo pode ser visto da seguinte maneira:

A alienação do trabalhador completa-se na sua transformação em consumidor. Ainda quando não consome as (outras) mercadorias propagandeadas pelos meios de comunicação, consome as imagens que a indústria produz para seu lazer. Consome, aqui, não quer dizer apenas que o trabalhador contempla essas imagens, mas que se identifica com as imagens, espelho espetacular da sua vida empobrecida (p. 1).

O indivíduo se vê, portanto, privado da experiência de decidir por si o que consumir, sobretudo desejar, facilitando ainda mais sua adesão a essa sociedade de meros espetáculos. O mal-estar de hoje, a paralisação ou euforia diante do sofrimento psíquico podem ser indicativos das fragilidades de uma subjetividade tomada pela lógica capitalista e imagética.

Quanto ao preço pago por se estar inserido nessa cultura do espetáculo, Kehl (2003) acrescenta que

[...] os sujeitos já não se apóiam sobre suas faculdades de julgamento (pensamento), resolução (agir conforme o desejo) e senso moral (suportar a castração)⁹. Tampouco sustentam-se sobre os laços que as liga a uma comunidade com base em experiências compartilhadas. Se toda experiência é mediada pelo espetáculo, cuja produção está fora do alcance da experiência mesma, e se o espetáculo “desacostuma as pessoas à subjetividade”, elas estão à mercê dele (p. 3).

Torna-se pertinente, também, citar Rosa (2016), que em seu livro *A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento* busca “apontar a contribuição da psicanálise para a análise das modalidades de laço social propostas ao sujeito” (Rosa, 2016, p. 110). Esta autora propõe-se a pensar a partir de uma abordagem psicanalítica clínico-política, isto é, fazer uso de conceitos psicanalíticos a fim de melhor compreender o cenário sociopolítico e suas implicações no indivíduo. Quando nos propomos a tomar conhecimento das configurações da sociedade contemporânea, para posteriormente pensar as possíveis implicações psíquicas disso, a autora parece oferecer-nos algumas contribuições. No que se refere, por exemplo, ao sistema socioeconômico capitalista, Rosa (2016) esclarece que

No capitalismo avançado, a verdade do sujeito e de seu objeto de gozo é a do atravessamento da lei do mercado na lei do desejo. A lógica do capital e lucro é apresentada como a única possível, provada pelo sucesso. Tais atravessamentos e lógica não operam sem consequências para o sujeito (p. 113).

Quais seriam, portanto, as consequências psíquicas de tais atravessamentos e lógicas contemporâneos? Apesar de termos nos organizado para discutir as possíveis implicações psíquicas deste cenário objetal contemporâneo na próxima seção do capítulo, mencionar algumas possibilidades destas mostra-se necessário para o andamento da discussão presente.

⁹Entende-se que o termo *castração* é usado aqui de modo a indicar o quanto o indivíduo contemporâneo tem sido poupado de diversas formas da angústia advinda da falta, da necessidade, da frustração, de maneira geral

Ao levar em consideração a lógica atual na qual se baseiam as relações, naturalmente entende-se que a economia libidinal passa igualmente a apresentar peculiaridades próprias de seu tempo. Desse modo, a partir do momento em que o sujeito se depara diante de uma única lógica, legitimada constantemente pelo sucesso – este sendo tão estrutural para o sistema que com facilidade percebe-se a noção de sucesso atribuída como critério de eficácia/felicidade em diferentes contextos da vida contemporânea -, qual lugar restaria para o que foi destacado como comum a diferentes graus de depressão, a sensação de incapacidade?

O psiquiatra e psicanalista Alfredo Simonetti (disponível online) elenca cinco características desse momento sociocultural: tecnológico, veloz, excessivo, desregulamentado e narcisista. Quanto às implicações frente a essas novas configurações, Simonetti se refere ao homem contemporâneo como aquele que insiste em correr constantemente em uma esteira sempre muito mais rápido do que ele dá conta. Assim, Simonetti aponta para a dificuldade em reconhecer certos limites na relação entre o que se espera e o que é possível realizar.

Seria como se esse indivíduo, por maior o esforço que demonstrasse, sempre estivesse inserido em uma sociedade estruturada de maneira a nunca conseguir dar conta de suas exigências. Até porque um dos mais significativos traços da sociedade contemporânea é justamente a inovação de ideais a todo momento, como se o que fosse possível na realidade nunca fosse o suficiente para o que se deseja - para um desejo moldado segundo os ideais daquela estrutura social.

Em vista disso, desse cenário no qual, aparentemente, o sujeito nunca dá conta do que acredita pretender – que em termos metapsicológicos, poderíamos entender como desempenhos do Eu aquém dos ideais adotados pelo indivíduo - vale destacar o fator excessivo apontado por Simonetti, uma vez que temos a intenção de retomar esse aspecto contemporâneo na discussão dos objetos e de suas implicações. No que se refere a esse caráter excessivo, Simonetti entende que se tornou fácil produzir coisas, culminando assim, em um excesso de possibilidades de se satisfazer. A fim de ilustrar, o psiquiatra e psicanalista menciona as inúmeras possibilidades que se tem hoje para tipos de relacionamento, tipos de famílias. Isto é, o sujeito contemporâneo tem se deparado com um excesso de possibilidades, múltiplas alternativas para supostamente alcançar a satisfação almejada. E como lidar com isso? Esse sujeito passa, portanto, a buscar algo que o oriente, uma vez que, ao mesmo tempo que esse cenário de mil e uma possibilidades fascina, ele também amedronta, pois promete, mas nunca garante o que se procura.

Essa promessa de satisfação é facilmente percebida, por sua vez, pelo lugar que a noção de consumismo ocupa nos dias de hoje. Assim como já apresentado por Debord (1997)

anteriormente, por conta de um ideal de sociedade pautado no que é visual, imagético e estético, o ato de comprar para dar conta do que é aparentemente possível se torna quase que inevitável. Isto é, em um sentido imperativo, de aparentemente não se ter outra possibilidade a não ser consumir para dar conta da imagem comercializada do indivíduo.

Dessa maneira, a questão do consumismo em que caem ou são levadas as pessoas, consumindo sempre mais e mais - uma vez que compete à noção de consumismo a sensação de insaciedade, pois só assim se garante o próximo ato de consumir, incessantemente – nos remete diretamente à metáfora da esteira apresentada por Simonetti, acima. A esteira nos aponta para um movimento de estar constantemente na tentativa de dar conta de algo que foi posto para não se dar conta, ou seja, um movimento no qual, dificilmente, o desempenho do Eu alcança os ideais adotados pelo indivíduo.

Considerando, portanto, esse breve panorama a respeito das condições que atravessam as relações contemporâneas, assim como os objetivos da dissertação, como se pode dar conta metapsicologicamente dessas influências da sociedade sobre os indivíduos?

Como já visto nos capítulos anteriores, Freud, do ponto de vista das séries complementares, mostra que a influência do ambiente é indissociável dos componentes pulsionais para explicar diferentes formas de sofrimento psíquico. Sendo assim, parece que há, de fato, possibilidade de dar um tratamento metapsicológico na causação das depressões.

4.1.2 Possibilidade de considerar metapsicologicamente o papel das influências sociais na depressão: o objeto da pulsão e o componente experiencial das séries complementares

Para tentar esclarecer metapsicologicamente como as influências socioculturais que, em articulação com componentes pulsionais já discutidos, podem culminar em um quadro de depressão, cabe retomar uma das maneiras de ilustrar a etiologia das depressões pelas séries complementares. Para tanto, retomaremos o esquema esboçado por Schoffen (2014) a partir de Freud (1916-1917), e o adaptaremos aos nossos objetivos. Assim, nossa fórmula etiológica para pensar as depressões poderia ser escrita da seguinte forma:

Causação das depressões = Predisposição por fixação libidinal + Experiência acidental do adulto

Por essa leitura da etiologia das depressões, percebe-se que Freud atribui ao fator experiencial fundamental importância na causação da depressão, uma vez que a experiência

mostra-se como elemento determinante na conjugação de fatores que desencadeiam as neuroses, em geral, e a depressão, em particular. Assim, considerando esta fórmula etiológica, como podemos representar metapsicologicamente o componente experiencial acidental da vida do indivíduo? Ou seja, quais conceitos metapsicológicos podem nos auxiliar a pensar esses fatores de ordem acidental?

Para tanto, ao se pretender fazer uso da metapsicologia freudiana na compreensão de tais fatores, torna-se necessário retomar o entendimento de objeto da pulsão na psicanálise. Isto porque o conceito de objeto mostra-se como elemento conceitual que pode nos permitir fazer considerações sobre os fatores externos/sociais/culturais, já que encontra-se associado aos restos mnêmicos deixados pelas percepções. Com isso, visamos tentar desenvolver uma discussão sobre o papel desempenhado por esses objetos no funcionamento psíquico que pode contribuir para o quadro depressivo.

Começemos pelo mais acessível e superficial. Em *Vocabulário da Psicanálise* (2001), Laplanche e Pontalis, nos esclarece que a noção de objeto pode ser compreendida a partir de diferentes aspectos. Destes, apontamos os seguintes:

- A) Enquanto correlativo da pulsão, ele é aquilo em que e por que esta procura atingir a sua meta, isto é, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasístico.
- B) Enquanto correlativo do amor (ou do ódio), trata-se então da relação da pessoa total, ou da instância do ego, com um objeto visado também como totalidade (pessoa, entidade, ideal, etc.) (o adjetivo correspondente seria “objetal”) (p. 321).

Assim, pode-se identificar tanto o papel do objeto na busca pela satisfação libidinal, bem como por quais maneiras o objeto pode ser representado, não se restringindo apenas a figuras de pessoas, mas também por meio da sustentação de ideais, crenças, etc. O que poderia, desse modo, nos esclarecer Freud a respeito do objeto da pulsão?

Como já dito no capítulo I, em *Os instintos e seus destinos*, Freud (1915/2010) define objeto como sendo aquele com o qual ou através do qual a pulsão pode alcançar sua meta, sendo esta sempre a satisfação pulsional. No que se refere à libido, por exemplo, é importante retomar que esta designa a energia da pulsão que pode ser investida em um objeto ou dela retirado. Este mesmo objeto, compreendido como componente do conceito de pulsão, consiste em traços mnêmicos, restos de percepções que constituem-se em representações de objeto.

Assim, para que seja possível compreender a relevância do conceito de objeto da pulsão no que se refere às influências sociais, é importante esclarecer brevemente a noção de

representação de objeto, uma vez que o componente experiencial da fórmula etiológica remete ao objeto do Eu, isto é, às representações de objeto ou as lembranças de objetos que serão alvo de investimento libidinal ou de desinteresse libidinal.

A respeito da noção de representação de objeto, Silva (2015) nos esclarece que, conforme se deu o progresso do conceito de repressão, o que até então era compreendido por Freud como representação de objeto no seu todo passa a se subdividir em *representação-de-coisa* e *representação-de-palavra*. Laplanche e Pontalis (2001) nos esclarecem que ambos os termos acima são

Expressões utilizadas por Freud nos seus textos metapsicológicos para distinguir dois tipos de “representações”, a que deriva da coisa, essencialmente visual, e a que deriva da palavra, essencialmente acústica. Esta distinção tem para ele um alcance metapsicológico, pois a ligação entre a representação de coisa e a representação de palavra correspondente caracteriza o sistema pré-consciente – consciente, ao contrário do sistema inconsciente, que apenas compreende representações de coisa (p. 450).

Desse modo, torna-se possível perceber que o destrinchar do entendimento de representação de objeto em dois novos conceitos representa um significativo alcance metapsicológico considerando que passa a se compreender com mais clareza elementos que contribuem para o registro de diferentes experiências com objetos. Experiências estas que podem ser relacionadas com o que temos entendido como os fatores experiências ou socioculturais da equação etiológica da depressão.

Seguimos, portanto, neste momento, com o texto de *O Inconsciente* (1915/2010), onde Freud esclarece que

O sistema *Ics* contém os investimentos de coisas dos objetos, os primeiros investimentos objetais propriamente ditos; o sistema *Pcs* surge quando essa representação da coisa é sobreinvestida mediante a ligação com as representações verbais que lhe correspondem. São esses sobreinvestimentos, conjecturamos, que levam a uma mais alta organização psíquica e tornam possível a substituição do processo primário pelo processo secundário dominante no *Pcs* (p. 147).

Sendo assim, tendo em vista a compreensão freudiana a respeito do processo de constituição das representações objetais, é possível verificar que é a partir dos primeiros investimentos registrados no inconsciente que, associada com representações verbais, torna-se possível realizar novos investimentos de modo a contribuir para o amadurecimento do aparelho psíquico. Assim, Silva (2015) apresenta uma interessante reflexão a respeito do termo em alemão, *Objectvorstellung*, referente à noção de representação de objeto. Segundo o

autor, embora esse termo seja com frequência traduzido como idéia, apresentação, imagem, concepção, etc., também cabe a ele a compreensão de “pegar determinado objeto, trazê-lo e depositá-lo diante do sujeito da ação, portanto, tratar-se-ia de invocar e montar, a partir das impressões sensoriais, uma espécie de imagem ou representação, uma possível cópia mental do objeto” (p. 71).

A fim de tornar visualizável a compreensão de que o que se denomina objeto em psicanálise refere-se à representação psíquica de alguma percepção ou objeto da experiência sensorial (objeto externo), em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2011, p. 76), Freud apresenta o esquema abaixo pelo qual compreende como se dá a representação de um objeto.

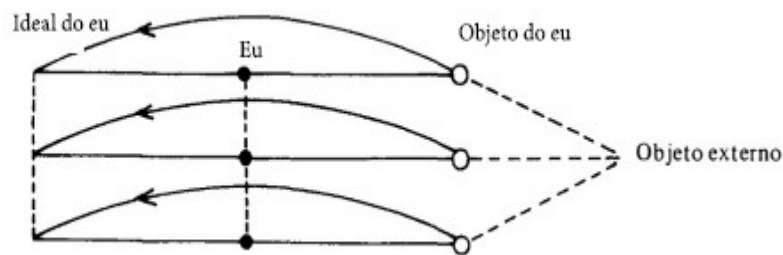


Figura 1– Representação gráfica apresentado por Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2011) pela qual procura explicitar a relação do ideal do Eu e seu objeto.

De acordo com o diagrama,¹⁰ a figuração de elementos como objeto externo e objeto do Eu servem-nos para mostrar que em psicanálise, o conceito de objeto propriamente dito refere-se à representação ou ideia de um objeto genérico externo ou qualquer tipo de experiência. Assim, numa caracterização genérica de objeto, é importante destacar no diagrama que o objeto externo pode designar quaisquer objetos de feição perceptual ao indivíduo, por exemplo, objetos de consumo propriamente, objetos de amor/hostilidade, mas

¹⁰É necessário esclarecer que o diagrama apresenta conceitos importantes como Ideal do Eu e Eu, mas que ultrapassam os limites da discussão proposta nesta dissertação. Apenas a título de esclarecimento, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), Freud considera que “o Eu entra na relação de um objeto com o ideal do Eu que a partir dele se desenvolveu, e que possivelmente todas as influências mútuas entre o objeto externo e o Eu como um todo [...] chegam a se repetir nesse novo palco dentro do Eu” (p.94). Assim, é possível compreender o Eu enquanto uma instância psíquica na qual desenrolam-se as relações objetais possíveis dentro das exigências do Ideal do Eu e das possibilidades do Eu.

igualmente enunciados ideais/morais de conduta etc. Enfim, tudo que consiste em estímulos que alcançam os órgãos dos sentidos, produzem percepções e podem deixar restos mnêmicos.

Dadas as condições socioculturais de possibilidades para lidar com o que se deseja e o que é interdito pelas normas civilizatórias, as impressões restantes de tais experiências passam a atravessar e a influenciar a maneira pela qual o indivíduo lida com as expectativas de seu meio. Em um momento posterior do desenvolvimento psíquico do indivíduo, tais marcas e memórias passam a representar objetos ou ideais, as quais serão tomadas como alvo do investimento libidinal, ou seja, como objetos da pulsão.

Desse modo, assim como esclarecido em *Os instintos e seus destinos* (1915/2010), a meta da pulsão pode ser entendida como o objetivo ou finalidade da pulsão que é a satisfação, ou seja, a meta não sofre variação, diferente do objeto da pulsão, que pode variar conforme o que for possível, o que estiver disponível, mas sempre visando a satisfação. Assim, enquanto objeto que aparente certa promessa de satisfação, conforme antes mencionado por Kehl, por exemplo, podem ser incluídas variadas representações como lembranças, ideias, impressões, etc.

Partindo desse raciocínio, parece possível tomar o conceito de objeto e outros conceitos elementares a ele necessariamente associados, como os de representação de coisa, por exemplo, como instrumento para mostrar como as percepções pelo indivíduo das influências sociais são constitutivas e afetam o funcionamento do aparelho psíquico. Assim, compreendida a maneira pela qual o objeto se constitui e a serviço de que ele se coloca psiquicamente, a noção de objeto da pulsão parece possibilitar-nos um caminho a respeito de como as influências sociais podem se articular com os componentes pulsionais discutidos a ponto de se configurar um quadro de depressão.

4.1.3 As influências sociais localizadas nas séries complementares

Como já discutido no capítulo 2, Freud (1917/2014) desenvolve a noção de séries complementares a fim de apresentar uma espécie de equação etiológica para as neuroses. Conforme o esquema adaptado aos nossos objetivos, entende-se que:

Causação das depressões = Predisposição por fixação libidinal + Experiência acidental do adulto

Assim sendo, para se chegar a um quadro de neurose, mostra-se necessária a conjugação de certa predisposição por fixação libidinal, ou seja, o quanto foi necessário ao indivíduo recorrer a fixações ao longo do seu desenvolvimento. Em conjugação a isso, mostra-se necessária uma porção de experiência, compreendida até então como as vivências do indivíduo bem como as condições socioculturais às quais se submete ao longo de seu desenvolvimento.

Partindo desta equação, podemos considerar que tanto a predisposição por fixação libidinal, quanto as experiências quando vistas de maneira isolada, não são suficientes, segundo o entendimento freudiano, para que resulte em um quadro de sofrimento psíquico como a depressão. A conjugação já mencionada refere-se à condição fundamental das séries complementares que é: apenas em interação, de modo a se relacionarem e assim, conjugarem-se de modo praticamente impossível de delimitar onde começa e termina um fator, é que se mostra possível desenvolver-se alguma forma de perturbação psíquica, no caso a depressão.

Tal idéia de conjugação e a relevância dada ao seu papel por Freud também nos alerta em relação ao cuidado que se deve ter para não generalizar possíveis causas/fatores da depressão, por exemplo. Considerando que desse ponto de vista, apenas em conjugação componentes libidinais e socioculturais podem determinar a depressão, esse entendimento também serve-nos para compreender a impossibilidade de precisar e, assim, generalizar um caso para vários, a respeito da intensidade de determinada experiência que seria necessária para um indivíduo deprimir-se. Isto porque, a depender de seus componentes libidinais, ou seja, seu desenvolvimento psicosssexual, certo componente sociocultural pode lhe ser determinante para o desencadeamento da depressão. Ao passo que, um outro indivíduo que, constantemente, percebe-se em contato com o mesmo componente sociocultural, por ter tomado outros rumos no que se refere ao seu desenvolvimento psicosssexual, talvez não apresente nenhum indício de um sofrimento que possa ser classificado como depressão.

As influências sociais são representadas na série complementar pelo componente accidental da experiência, que por isso mesmo, pode variar conforma a época e a cultura, e em conjugação com determinadas condições internas do sujeito, um quadro de sofrimento psíquico como a depressão pode se manifestar. Conforme a concepção das séries complementares, ambos os componentes – tanto os pulsionais quanto os socioculturais - são interdependentes, indissociáveis. Assim, ambos são necessários para que resulte em um quadro de depressão. Ao retomar a fórmula rerepresentada acima, pretende-se mostrar como a reflexão metapsicológica pressupõe necessariamente a consideração do social e do individual na explicação das depressões.

Em vista disso, tal influência de componentes socioculturais sobre os libidinais, isto é, a partir da conjugação de ambos, pode-se perceber que uma das implicações possíveis é o surgimento de inibições. No capítulo 3, intitulado “Considerações sobre o componente disposicional da série complementar: graus de inibição libidinal e seu papel na etiologia da depressão”, tratamos das diferentes possibilidades em que poderia ocorrer a inibição, sendo destacadas a inibição por precaução como uma maneira de lidar com o medo do sofrimento e a inibição por empobrecimento pulsional. Nesse último caso, o empobrecimento libidinal pode resultar tanto em um sentido de idealização de um objeto, ou seja, um excesso de investimento em objetos, como se se colocasse como refém deles, o que parece ir ao encontro das opiniões de Kehl, por exemplo, de alguma predisposição mais acentuada no sentido de regressão egóica pelo fato do eu se identificar com algum objeto perdido.

Mas afinal, o que podemos compreender dos componentes acidentais ou socioculturais das séries complementares a partir desta classificação freudiana de inibições? Como já dito, a inibição por precaução refere-se a evitar ou desinvestir um dado objeto a fim de preservar-se de um provável sofrimento. Já a inibição por conta de uma idealização objetal diz respeito a um superinvestimento em objeto por dar conta de realizar apenas um investimento objetal significativo por vez, demonstrando dificuldade em lidar com diferentes inconvenientes de variados objetos, tais como disponibilidade, risco de perda, ou seja, garantias aparentes de satisfação. Por fim, no caso da inibição por identificação, esta indica certa dificuldade em se rearranjar libidinalmente a fim de realizar novos investimentos em novos objetos frente à perda de um. Como saída, entraria em operação o processo de identificação mediante o qual o Eu passa a apresentar característica semelhantes às do objeto perdido, amenizando o sofrimento da perda deste, mas, por outro lado, levando a consequências desastrosas para o restante das funções egóicas. Vale lembrar aqui, como já discutido, que no que se refere à identificação com o objeto perdido, trata-se, como Freud considera, da forma mais grave de depressão.

Assim, em todos os casos de inibição é notório o quanto componentes libidinais/pulsionais encontram-se conjugados a todo o momento com componentes socioculturais. Visto que, diante da ameaça externa da perda do objeto no qual se investe - podendo ser compreendida como um possível componente sociocultural -, o indivíduo precisa recorrer a recursos psíquicos próprios a fim de lidar com essa frustração. Desse modo, as três modalidades de inibição apresentadas mostram-se válidas para lidar com a possibilidade de um quadro de sofrimento psíquico, ou seja, ao se recorrer a um tipo de inibição, podemos identificar possíveis componentes libidinais significativos nessa situação. Sendo que em

conjugação, todos esses componentes, muitas vezes impossível de identificar ser de natureza pulsional ou sociocultural, acabam por produzir alguma espécie de neurose ou sofrimento.

Assim, dado o percurso teórico feito até esse momento, percebe-se que as séries complementares podem nos auxiliar a pensar em diferentes possibilidades de inibição, uma vez que, por exemplo, se o componente sociocultural se apresentar de maneira significativa, intensa, tão somente uma mínima, baixa influência externa pode se mostrar suficiente para desencadear certa inibição. Se o componente libidinal for baixo, será necessário uma influência externa/social mais forte e/ou significativa.

4.2 (In)Satisfação pulsional no cenário social contemporâneo e possíveis implicações subjetivas

Tratando da articulação entre influências socioculturais e fatores predisponentes/predisposicionais do indivíduo, parece-nos pertinente resgatar o aspecto excessivo mencionado por alguns dos autores citados na seção que abre este capítulo. Considerando as excessivas possibilidades de satisfação apresentadas pelo cenário contemporâneo, percebe-se que diante de uma sociedade que oferece uma imensidão de possibilidade de se alcançar satisfação, estar insatisfeito não tem muito lugar, ao menos um lugar valorizado socialmente.

Pensando agora nas influências sociais, ou seja, nos elementos experienciais que compõem as séries complementares, como realizar uma leitura metapsicológica?

Entende-se que para isso é necessário retomar a noção de objeto como alvo de investimento pulsional, conforme discutida acima. Isto porque é mediante o conceito de objeto que torna-se compreensível a ideia de que alcança-se a satisfação pulsional apenas pelo investimento da libido no objeto. Assim, ao considerar os fenômenos sociológicos apresentados na seção 1, acima, esta descrição conceitual nos dá condições de produzir novas leituras. Isso porque, quando lê-se que o cenário social contemporâneo se estrutura em promessas excessivas de satisfação, como poderíamos compreender metapsicologicamente os efeitos desse estado de coisas sobre o funcionamento psíquico? Pois bem, por meio da noção de consumo, já apresentada e caracterizada por Debord, vê-se o lugar que o ato de consumir, assim como o objeto que consome-se ocupa socialmente. Através de discursos e imagens que associam o consumo a sensações de prazer, bem-estar, plenitude, etc., o sujeito pode se ver seduzido pelos objetos de consumo, pois passa também a associar seu desejo por satisfação libidinal ao que é veiculado no sentido emocional, perceptivo e/ou experiencial.

Parece claro nesta questão o uso que a indústria de consumo faz da representação de diferentes objetos que, por mais que cada consumidor tenha tido experiências variadas com diferentes objetos, de um modo geral - até por terem nascido e se desenvolvido no mesmo contexto social -, associam objetos parecidos a mesmas sensações tão valorizadas socialmente como bem-estar, eficiência, plenitude, etc.

Assim, considerando estes valores, a insatisfação pulsional caberia nessa estrutura social? A partir do momento em que um indivíduo se vê inserido em um cenário que, a cada ameaça de angústia ou insatisfação há uma oferta de solução, de fato, a insatisfação passa a ser estranhada, uma vez que não é autorizada socialmente. Mesmo assim, a psicanálise nos permitiu ao longo de todos esses anos de construção teórica, reconhecer que, autorizada ou não, a insatisfação insiste em se mostrar sempre próxima e no caso de não ser autorizada, é possível que os danos psíquicos sejam maiores, no sentido de que talvez custe mais ao sujeito negá-la do que admiti-la.

Assim, qual seria o possível preço ao negar a insatisfação como a sociedade contemporânea nos convida? Sendo a insatisfação evitada, qual lugar ocuparia aquele que decide sustentá-la? Sustentar no sentido de admitir que ela sempre retorna, a cada novo investimento em certo objeto, a insatisfação avisa estar por perto. Aquele que apresenta características da depressão poderia ser considerado como aquele que denuncia as estratégias sociais que visam dar conta da satisfação, mas que, com frequência, fracassam?

A discussão feita até o momento nos possibilita afirmar que a influência do social sobre os indivíduos tem se pautado em uma intensa oferta de objetos de consumo. Também poderíamos compreender que trata-se de um fenômeno que acaba por bombardear os aparelhos psíquicos dos indivíduos de hoje com inúmeros objetos para se investir libidinalmente em busca de satisfação pulsional. Afinal, vale lembrar, a satisfação é a meta da pulsão.

É importante esclarecer que, quando se fala em bombardeio objetal nesta discussão, refere-se como já dito anteriormente à significativa oferta de possibilidade de satisfação através do consumo de variados objetos. Esses objetos, que já podemos compreender como representação de objeto no sentido metapsicológico, não apenas seriam investidos de libido pelo indivíduo, mas também poderia se dizer que as próprias representações exerceriam atração sobre a libido, atraindo-a, sugando-a. Ao pensarmos neste movimento, nos aproximamos de uma tentativa de explicação metapsicológica de uma certa servidão psíquica a que se submete o consumidor que, conforme Kehl, encontrar-se-ia meio que desprovido da capacidade de julgamento, por exemplo.

No que se refere à questão da representação do objeto, vale resgatar aqui a carga de impressões sensoriais que acompanha cada objeto. Ao se deparar com a oferta de determinado objeto que remeta ao indivíduo certa experiência de satisfação e/ou bem-estar em algum momento de sua história de vida, esse objeto passa a simbolizar a possibilidade de retornar a tais sensações, intensificando o potencial de atração do objeto.

Pensando, desse modo, nos atravessamentos inevitáveis de tal configuração na relação do sujeito e sua busca pela satisfação libidinal, quais seriam as consequências e o quanto contribuiriam estas para a depressão? A respeito destes questionamentos, a hipótese de Rosa (2016) é a de “que o sistema quer impor uma nova economia libidinal que exclui o pathos e substitui a demanda de amor pelo apelo ao consumo e ao lucro sobre o outro”(p. 114).

Segundo a autora, portanto, as possibilidades contemporâneas de se alcançar a satisfação pulsional – ou parte dela – aparentam seguir conforme uma nova economia libidinal. De acordo com esta economia, o pathos – que aqui, considerando o contexto da discussão pode ser compreendido como qualquer quadro de sofrimento psíquico - passa a ser excluído, ou seja, talvez uma possibilidade de compreender este traço da nova economia seja entender que o pathos deixa ser problematizado, deixa de representar algo que deve ser considerado a fim de saber mais sobre o mal-estar do sujeito e, conseqüentemente, da época na qual vive.

Aqui parece ser pertinente retomar alguns questionamentos quando iniciamos a discussão sobre (in)satisfação pulsional. Neste ponto, foi questionado qual seria o lugar ocupado pela incapacidade no contexto social marcado pelo desempenho e todos seus ideais. Assim, quando Rosa (2016) nos apresenta a leitura de um pathos sofrendo exclusão, parece-nos que se está dizendo da mesma incapacidade, da mesma insatisfação que não encontra lugar, pois não há. Naturalmente, conforme o lugar da incapacidade nos fica mais esclarecido, passa-se a questionar o lugar de quem a apresenta, ou seja, o incapacitado ou deprimido.

Como já discutido, uma possibilidade frente a essa exclusão do pathos mencionado pela autora, podemos resgatar a noção de representação do objeto que vai mostrar atender nos dias de hoje às percepções já tidas antes pelo indivíduo e que em conjugação com os ideais sociais de hoje, passam a ser mais atraentes do que relações objetais que abordem de alguma maneira a experiência do sofrimento.

Em um sentido metapsicológico, quais os efeitos decorrentes da relação entre esses ideais e o desempenho do Eu no (des)governo da libido? Sendo que esta quase escoaria sem inibição para os objetos, sendo consumidos sem proporcionar satisfação pulsional efetiva. Diante deste movimento, aparentemente visto como independente do desejo do indivíduo,

parece nos aproximar de uma espécie de sensação de impotência ou indiferença, uma vez que já que não houve desejo, muito menos satisfação terá, pois nunca o desejou. Assim, a satisfação não aconteceria, movendo a novos escoamentos sem efetividade e quem sabe, mantendo o indivíduo na posição de incapacitado?

Além disso, a autora comenta que a demanda de amor passa a ser substituída pelo apelo ao consumo e lucro indicando uma mudança no que poderia motivar certos investimentos libidinais. Desse modo, como efeito colateral, o acesso aos bens passam a não bastar, nunca demonstrando serem suficientes para a tão almejada satisfação pulsional. E não são suficientes porque ao primeiro indício de saciedade, um novo objeto já é ofertado com atributos que prometem o que o objeto anterior não dá mais conta.

Diante do cenário dessas novas articulações objetais, mais uma vez se mostra válido interrogar: Qual lugar ocuparia a incapacidade depressiva? A que seria atribuída tal qualidade? Ainda para a autora, “o fracasso é anunciado caso não se atenda a suposta realidade [...]” (Rosa, 2016, p. 119), ou seja, como já discutido anteriormente ao se apresentar a noção de incapacidade, esta parece poder ser relacionada com a dificuldade, muitas vezes, em desempenhar com êxito demandas da sociedade contemporânea consideradas referências de sucesso.

E o que contribuiria para esse movimento de fracassar/incapacitar-se frente às demandas de hoje? Quanto a isso, Rosa (2016) faz uso do termo "ilusões" contemporâneas na tentativa de se referir à exigência sociocultural de hoje de uma espécie de autoengendramento, ou seja, a ilusão de não precisar ou depender da relação/investimento com qualquer objeto que seja - de consumo ou outras pessoas, de fato. Frente a isso, Rosa (2016) diz dos objetos-fetiches que seriam aqueles responsáveis pelo fascínio às tecnologias e soluções científicas, uma vez que seriam objetos revestidos de características entendidas como fundamentais para a satisfação de hoje.

Com essa noção de objeto-fetice, percebe-se uma grande aposta libidinal nesses objetos, o que nos remete à noção de idealização já discutida. Em capítulos anteriores, foi possível esclarecer o quanto o processo de idealização relaciona-se com o estado de inibição. Isto porque ao superestimar um objeto, acontece um excesso de investimento - superinvestimento - comprometendo a libido para outros investimentos objetais, resultando na inibição, falta de libido para outras relações.

Sendo assim, tamanha atração exercida por um objeto de consumo sobre o Eu consumista pode nos mostrar como esse objeto – enquanto representação psíquica – encontra-se idealizado, tornando-se válido retomar aqui o que Freud (1914/2010) afirma em *Introdução*

ao *Narcisismo* que “a idealização é um processo envolvendo o objeto, mediante o qual este é aumentado e psiquicamente elevado sem que haja transformação de sua natureza. A idealização é possível no âmbito da libido do Eu e no da libido objetal” (p. 41).

A discussão feita nesta subseção parece ajudar a compreender que o superinvestimento libidinal pela idealização pode indicar possibilidades de estados gradativos de funcionamento psicosexual que explicaria diferentes graus em que podem se manifestar os sofrimentos considerados depressivos. Isto porque é percebido que, no caso do empobrecimento pulsional por conta da idealização, por exemplo, este aponta para diferentes configurações nas quais a frustração libidinal incapacita o indivíduo de alguma maneira, dificultando dar conta de ideais contemporâneos.

Para que seja possível entender como, na fórmula das séries complementares, Freud pensa a articulação entre a influência social e os componentes disposicionais estabelecidos ao longo do desenvolvimento sexual infantil, é preciso mostrar como as influências sociais atuais afetam o psiquismo. Como já discutido a respeito de representação de objeto, essas influências são presentificadas no psiquismo pelas representações de objeto, no sentido de colocar em operação as predisposições constitucionais sexuais do indivíduo. Desse modo, passa a ficar melhor esclarecida a questão de que a influência social estimula tendências predisponentes no indivíduo. Essa articulação entre componentes pulsionais e socioculturais pode se dar de diferentes formas: em indivíduos com alta predisposição, uma influência social mínima pode pôr em funcionamento os mecanismos regressivos, em outro indivíduo não tão predisposto pode-se pensar uma maior resistência à influência social.

Assim, quando Kehl (2003) aponta para indivíduos de hoje que não mais se apóiam em sua capacidade de julgamento, na tentativa de não precisar lidar com o impasse de conciliar o que se deseja com o que é autorizado moralmente, talvez seja possível vislumbrar essa colocação como ilustração de indivíduos mais sujeitos à influência do social etc. isto é, seriam indivíduos mais afetáveis pela influência social. Nesses, as disposições regressivas existentes poderiam ser mais facilmente colocadas em ação.

Pensando, portanto, em tais implicações, qual leitura metapsicológica se mostraria possível? Acreditamos que abordar a noção dos processos primários pode se mostrar pertinente na tentativa de se compreender melhor o quanto pode estar custando investir libidinalmente nos objetos que dispomos atualmente.

4.3 Considerações metapsicológicas acerca das possíveis implicações psíquicas das relações objetais contemporâneas

Partindo das considerações já feitas a respeito de algumas características das relações atuais, para encerrar este capítulo, poderíamos nos perguntar: que análise seria possível a respeito do quanto custa psiquicamente para o indivíduo se manter nestas relações objetais em busca da satisfação pulsional? Poderia a depressão ser uma das possibilidades de preço a se pagar ao se investir em tais relações?

Como já discutido, em um nível metapsicológico, podemos ver uma proliferação de objetos de diferentes espécies, frequentemente, atravessados pelas marcas do consumismo e da tecnologia. Desse modo, são objetos que se apresentam de modo muito atraente ao indivíduo, uma vez que prometem a satisfação como algo garantido. O objeto traveste-se de um colorido, algum tipo de atributo graças ao qual a libido é atraída como se naturalmente para esses objetos.

Mas o que seria responsável por tamanha atração do indivíduo para com esse objeto? A fluidez da ligação do objeto com o Eu pode ser compreendida mediante o entendimento dos processos primários e secundários. Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1996) discute especialmente sobre esses dois sistemas em um único capítulo. É interessante mencionar que já no início deste capítulo – VII sendo a subseção E intitulada “Os processos primário e secundário – recalçamento”, Freud expõe o que entende por desejo. Em suas palavras:

A esse tipo de corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, demos o nome de ‘desejo’, afirmamos que só o desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento e que o curso da excitação dentro dele é automaticamente regulado pelas sensações de prazer e desprazer” (p. 622).

Desse modo, é possível compreender que o desejo seria uma espécie de corrente que coloca o aparelho psíquico em movimento, ou seja, seria o que motiva os investimentos em novas relações objetais. Assim, como se configuraria o desejo pelos objetos contemporâneos? A que poderíamos atribuir o desejo pelos objetos de hoje?

O desejo movimenta o aparelho psíquico em busca da satisfação pulsional, em virtude da lembrança da vivência de satisfação, tendo sido esta experimentada nos períodos iniciais do desenvolvimento. O que, basicamente, diferencia o processo primário do secundário é que enquanto o processo primário visa esforçar-se a fim de se reaproximar da satisfação vivida no

início de seu desenvolvimento, o processo secundário, por sua vez, tenta estabelecer uma identidade de pensamento, isto é, através do processo secundário, torna-se possível compreender que reviver tal satisfação já não é possível, portanto, cabe recorrer ao pensamento a fim de encontrar novas representações objetais para aquela experiência de satisfação. Assim, Freud diferencia os dois sistemas esclarecendo que, enquanto o primeiro sistema procura garantir uma “livre descarga” de quantidade de excitação, o segundo sistema, por sua vez, inibe essa descarga e a investe libidinalmente em objetos.

É característico do processo primário, portanto, a livre descarga de excitação, não sendo essa impedida por nenhum obstáculo. Inclusive, Freud nesta mesma obra afirma que o primeiro sistema “não pode fazer nada senão desejar”. Isto porque é um sistema que se apresenta “totalmente incapaz de introduzir qualquer coisa desagradável no contexto de seus pensamentos (1900/1996, p. 624)”. Logo, vê que o sistema referente ao processo primário é muito pouco tolerante a qualquer espécie de sofrimento e/ou frustração, uma vez que apenas deseja ter a satisfação de maneira plena independente do quanto custe a quem deseja.

Ao contrário do processo primário, o processo secundário mostra sua pertinência ao buscar controlar/ inibir a livre descarga permitida pelo processo primário até então. Freud afirma entender o trabalho do processo secundário como o de catexizar lembranças, ou seja, passar a investir o que era libido narcísica em libido objetal, de maneira que ocorra uma inibição na descarga livre, ou seja, se dispondo de novas possibilidades de investimento para essa libido toda livre, mostra-se possível inibi-la, interrompendo a busca a todo custo por satisfação.

Desse modo, ao sintetizar a relação de ambos os sistemas, Freud (1900/1996) afirma que

Os processos primários acham-se presentes no aparelho anímico desde o princípio, ao passo que somente no decorrer da vida é que os processos secundários se desdobram e vêm inibir e sobrepor-se aos primários [...]. Em consequência do aparecimento tardio dos processos secundários, o âmago de nosso ser, que consiste em moções de desejos inconscientes, permanece inacessível à compreensão e à inibição pelo pré-consciente; o papel desempenhado por este restringe-se para sempre a direcionar pelas vias mais convenientes as moções de desejo vindas do inconsciente (p. 627).

Caberia ao processo secundário, em vista disso, direcionar, buscar novas possibilidades de encaminhamento para a libido livre conforme o que for considerado conveniente para o sujeito e para o meio no qual este está inserido. Diante de tais considerações, portanto, seria possível afirmar que o funcionamento mental predominante

hoje tem aparentado se configurar de modo infantil, no sentido de não aparentar ter se desenvolvido a ponto de passar do processo primário ao secundário a fim de reencaminhar o desejo pela satisfação por considerar certas impossibilidades de satisfação.

Aparentemente, a função inibitória do Eu ou não existe ou apresenta pouca influência no Eu. Ao se deparar com as promessas capitalistas e tecnológicas, o indivíduo contemporâneo parece não precisar se preocupar em lidar com frustrações ou sofrimentos. No entanto, aderindo ao discurso ilusório contemporâneo, o indivíduo tem se privado de estabelecer investimentos mais duradouros e eficazes no que se refere à experiência de satisfação libidinal.

Seria possível, desse modo, afirmar que os objetos de hoje incentivam os processos primários até então já superados? Será que esse funcionamento do processo primário ajudaria a melhorar a compreensão da inibição que constitui a noção de depressão?

A partir de uma análise metapsicológica como a proposta neste capítulo, nos parece possível apresentar alguns esclarecimentos em linguagem metapsicológica sobre o tipo de funcionamento que pode estar predominando no mundo atual: um funcionamento que tende mais aos processos primários, ou seja, uma busca de satisfação de forma mais imediata, portanto, efêmera – bem como as consequências disso –, pois parece carecer de elaboração psíquica por parte de instâncias superiores, capazes de retardar a satisfação imediata.

Neste momento, entraria, portanto, os processos secundários que, uma vez retardando a satisfação imediata, contribuiria para um enriquecimento da produção simbólica a respeito de uma experiência/vivência específica. Tendo a possibilidade de elaboração, mostrar-se-ia mais provável a obtenção de satisfação “real”, no sentido de uma satisfação que se mantenha por mais tempo e resista a mais adversidades tanto pulsionais quanto experienciais/ambientais.

Enquanto produto deste cenário, qual estado subjetivo podemos encontrar? Nota-se um tipo de funcionamento psíquico que predominaria hoje em dia que se aproximaria a um Eu com baixa capacidade de crítica em relação à ideologia consumista da época. Dessa maneira, este Eu passaria a se posicionar quase que um refém de tal ideologia, por passar a acreditar de maneira acrítica sobre os alcances e limites das promessas atuais de satisfação.

Assim, pode-se dizer que hoje em dia percebe-se que funcionaríamos primariamente, ou seja, conforme processos primários, acolhendo de forma acrítica os objetos/ alternativas de satisfação oferecidos. Isto por conta de uma incapacidade ou ao menos uma intensa dificuldade em construir referências próprias de satisfação – seja pela formação literária,

artística, filosófica, etc -. Desse modo, apresenta-se grande dificuldade em buscar por si os objetos que se crê capazes de proporcionar felicidade ou satisfação.

Este movimento pode se apresentar como um indicativo da possibilidade de tratar-se de um Eu que guarda ainda mais relação com o estado infantil, permanecendo refém dos Eus parentais. Além disso, se trataria de um estado próximo ao infantil por se mostrar propenso a idealizar ou engrandecer o objeto alheio, superinvestindo nele e, mantendo-se empobrecido, como já discutido em outros capítulos.

Agora já caminhando para o desfecho deste capítulo que se propôs a discutir as implicações psíquicas das relações objetais contemporâneas por meio de uma leitura metapsicológica, vale retomarmos a ideia de Freud a respeito dos processos primários e secundários em *O Inconsciente*. Nesta obra, Freud (1915) considera que passa-se de um sistema primário para um secundário quando se percebe que os primeiros investimentos objetais, representações da coisa, passam a serem investidas com representações verbais, ou seja, de imagens passam a ser representadas por palavras (p. 147).

Se trazemos tal ideia para a realidade social contemporânea, torna-se mais compreensível o efeito sedutor que muitos objetos demonstram ter sobre seus consumidores. Assim, se o processo primário é mais próprio ao inconsciente e o inconsciente é habitado mais por imagens, o que mais restaria a ser dito sobre o modo contemporâneo de funcionar psiquicamente? Quando Debord nos apresenta o conceito de “sociedade do espetáculo” já temos condições de compreender a sociedade contemporânea pautada no que se refere ao visual e imagético.

Desse modo, dispensa-se a elaboração de palavras e junto delas a elaboração maior de um pensamento, raciocínio quanto à experiência com dado objeto. Sendo que o uso disseminado de imagens para se manejar o desejo do indivíduo contemporâneo se mostra em todos os contextos e modalidades. O uso da imagem passa a atravessar não simplesmente o consumo de objetos referentes ao uso de vestimenta, acessórios, tecnologia, etc., mas também a imagem sedutora passa a atravessar a relação do indivíduo com seu corpo, com sua sexualidade, com seu posicionamento diante de suas relações, bem como – e principalmente -, com seu desejo e a (in)satisfação deste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que uma das questões centrais que se mostrou como motivação para este trabalho foi: o que a depressão tem/carrega consigo que causa tanto temor socialmente? Temor este verificado em alertas de campanhas de saúde, pesquisas que abordam o prejuízo do trabalhador que deprime e não se vê mais possibilitado de trabalhar e seguir com suas atividades cotidianas, etc. Foi por meio da procura deste ponto incômodo da depressão que se pretendia, ao longo deste trabalho, pensar as possibilidades de compreensão e manejo da metapsicologia freudiana sobre a depressão.

Analisando os discursos a respeito da depressão, logo se identificou a noção de incapacidade enquanto uma espécie de denominador comum para tudo que se entende por depressão. Partindo então desta incapacidade, portanto, definiu-se como objeto maior deste trabalho analisar o fator incapacitante presente na base do fenômeno depressivo a partir da retomada de alguns conceitos da metapsicologia freudiana.

Para tanto, se pretendeu no primeiro capítulo propor uma aproximação metapsicológica em relação ao fator incapacitante da depressão. Considerando este objetivo, recorreu-se à teoria da libido a fim de identificar conceitos equivalentes que nos possibilitassem compreender o que poderia incapacitar os indivíduos deprimidos. Assim, se mostrou de necessidade fundamental discutir a respeito da meta da pulsão ser sempre a satisfação libidinal e devido a quais possíveis fatores tal satisfação pode ser frustrada.

Ao longo deste capítulo inicial nos foi possível compreender que, ao se tratar de satisfação e sua provável frustração, esta pode se dar tanto por fatores considerados “internos” como “externos”. Desse modo, apesar de ainda apresentada e discutida de maneira apenas aproximativa, o fator incapacitante da depressão já começa a se mostrar constituído de diferentes possibilidades/ fatores, podendo ser estes tanto internos – que ao longo do trabalho passam a ser referidos como componentes pulsionais – quanto externos – componentes experienciais.

No entanto, convém complementar, como feito ao longo do trabalho, que não é possível compreender tais fatores de modo separado, uma vez que só existem em articulação

com os demais. Esse raciocínio fica ainda mais claro, sobretudo, a partir da visão introduzida pela psicanálise e pelas séries complementares.

É justamente no segundo capítulo que tais fatores passam a receber um tratamento mais cuidadoso, no sentido de que, considerando se tratar de uma leitura metapsicológica da depressão, passa-se a fazer uso da equação etiológica freudiana ou séries complementares. Nesta, se localiza elementos pulsionais e experienciais que, uma vez em conjugação, passam a configurar um quadro de sofrimento psíquico, sendo no caso deste trabalho, a depressão.

Desse modo, o segundo capítulo nos apresenta esse entendimento a partir das séries complementares. Sendo que, tendo sido apresentada, dá-se início ao terceiro capítulo que buscou explorar quais elementos pulsionais seriam estes. Por meio da discussão do conceito de inibição libidinal, nos foi possível compreender não apenas como se dariam tais elementos, mas também como podem se dispor na equação freudiana. Nesta, considerando a conjugação de diferentes elementos, podemos compreender a inibição libidinal através de diferentes graus de sofrimento, aproximando-a do que chamamos até então de fator incapacitante da depressão. Importante ressaltar neste ponto que, ao tratarmos de diferentes graus de inibição libidinal, apresenta-se a melancolia, considerada por Freud como forma mais grave de depressão.

Partindo, portanto, desse entendimento em seriação da depressão, passa-se a ser necessário discutir a outra parcela de elementos que compõem a equação etiológica freudiana: os elementos experienciais. Estes, por sua vez, referem-se às influências socioculturais do cenário contemporâneo e a provável influência no desencadeamento da depressão. Assim, por meio do conceito de objeto – o qual podemos encontrar através de inúmeras definições – em psicanálise encontrou-se uma via para buscar compreender as possíveis implicações psíquicas do cenário social contemporâneo.

Todo esse percurso se deu na tentativa de buscar respostas que, de alguma forma, nos falassem mais da depressão e os prejuízos psíquicos que ela representa nos dias de hoje. Sendo assim, mesmo não desconsiderando possibilidades e limites de tempo, temática, manejo de conceitos teóricos, dentre outros fatores, o que nos pareceu possível verificar foi que, através do conceito de objeto em psicanálise nos foi possibilitado mostrar como a metapsicologia freudiana pode contribuir para esclarecer um maior entendimento sobre o quadro da depressão e suas implicações psíquicas contemporâneas. Além disso, compreendeu-se que, a depressão passa a se configurar, em diferentes graus de inibição – ou seja, de comprometimento, de gravidade psíquica – conforme a conjugação de componentes pulsionais e experienciais.

Estes, por sua vez, decorrem de uma história de desenvolvimento e vivências do indivíduo, sendo que, cada indivíduo dispõe de possibilidades distintas para lidar com suas dificuldades de modo pulsional – ou seja, manejar a necessidade de direcionar sempre que necessário sua libido para satisfação – e experiencial – diante dos obstáculos e dificuldades que o ambiente no qual está inserido lhe oferece.

Percebe-se, desse modo que, além dos componentes da história psicosexual de cada indivíduo, a sociedade de hoje apresenta dispositivos particulares e específicos que demonstram contribuir para um quadro de depressão. Vemos que, diante de uma oferta intensa de produtos a serem consumidos, passando de meros objetos de consumo como roupas, comida e dispositivos tecnológicos, até mesmo modos de se relacionar, de se investir libidinalmente nas relações – de trabalhos, fraternais, familiares, amorosas, etc. -, verifica-se uma atração muito grande pelo que é visualmente apresentado.

Quando dissemos visualmente, temos a intenção de nos remeter à ideia de representação de coisa já trazida por Freud, em que à época de processos primários o Inconsciente se percebe cercado apenas por imagens, sendo que conforme passa-se a realizar investimentos libidinais, tais representações passam a serem associadas a palavras, pensamentos e possibilidades de elaboração.

Assim, a partir das possibilidades de compreensão oferecidas pela metapsicologia, ao menos para a discussão do tema dessa dissertação, poder-se-ia dizer que predominaum estado subjetivo próximo ao processo primário, facilitando com que o investimento em objetos ofertados se dê apenas por uma promessa de satisfação imediata, exigindo do sujeito novos investimentos a curto prazo, uma vez que cedendo a essas imagens, se vê com dificuldades para construir referências próprias de satisfação.

Elaborar referências próprias de satisfação requer condições específicas mínimas, não apenas no sentido pulsional, mas experiencial também. Graças ao exame da equação etiológica freudiana, assim como de seus componentes, foi possível verificar que, a depender do quanto se mostrou necessário mecanismos como a fixação, por exemplo, no caso dos fatores pulsionais, o indivíduo se mostra mais ou menos tolerante a determinadas frustrações. Sendo que, diante destas, a fixação e, conseqüentemente, a inibição mostram-se como possíveis saídas. Em conjugação com este movimento, fatores experienciais como valores morais presentes em relações sociais, oferta de produtos para consumo, modos de se relacionar com a alimentação, sexualidade, etc, também contribuem para a maneira que o indivíduo encontra para lidar com sua busca por satisfação pulsional.

Desse modo, nota-se que quando se fala em referências próprias de satisfação referimo-nos à mínima possibilidade de o indivíduo poder elaborar sua busca por satisfação e como lidar quando se depara com insatisfação. No caso da depressão contemporânea, objeto deste trabalho, percebe-se que tal elaboração é dificultada pelo uso de imagens, por exemplo, intensificada quando ofertados objetos que prometem satisfação.

Associadas ao funcionamento de um psiquismo regredido ao infantil, as imagens passam a seduzir o indivíduo que busca incessantemente a satisfação. Estando inserido em uma sociedade que promete satisfação a cada novo objeto lançado, se deparar com a experiência da frustração e procurar elaborar a fim de recriar novas maneiras de poder se satisfazer, ou ao menos se aproximar desta experiência, se mostra cada vez mais difícil nos dias de hoje.

Consequentemente vimos que ao idealizar um objeto, introjetá-lo ou deixar de investi-lo, passa-se a se configurar quadros gradativos de inibição que, em conjugação com fatores experienciais, resultam em quadros de depressão de diferentes níveis, podendo chegar até mesmo ao nível mais grave de depressão considerado por Freud, a melancolia.

Em vista dos resultados alcançados, o que mais poderia ser desenvolvido para aprofundar as reflexões metapsicológicas propostas? Acredita-se que outros conceitos freudianos poderiam nos auxiliar na discussão metapsicológica da depressão. Embora não tenha sido possível chegar a analisar conceitos metapsicológicos próprios da obra madura de Freud, sobretudo o sentimento de culpa poderia ser apontado como uma possibilidade teórica para novos desdobramentos a respeito de uma leitura metapsicológica da depressão.

Pelo fato de consistir, de modo geral, como uma saída diante de um medo, o sentimento de culpa nos possibilita novos olhares para a (in)satisfação pulsional. Na tentativa de lidar com o medo tanto de uma autoridade externa quanto de uma autoridade interna – o superego -, o indivíduo entende ser pertinente renunciar a algumas satisfações. No entanto, logo percebe que a renúncia não se mostrou suficiente para dar fim ao medo, uma vez que uma “infelicidade” persiste por meio do sentimento de culpa que nos serve de indicativo para o fato de que, apesar de renunciar a satisfação, o desejo por ela ainda permanece.

Assim, podemos ver que conceitos como sentimento de culpa e outros a ele necessariamente articulados (como Superego, pulsão de morte etc.) podem introduzir novos problemas que exigiriam dar prosseguimento a nossas reflexões sobre a depressão. No entanto, os resultados obtidos até onde pudemos avançar nesta dissertação parecem mostrar que tais desenvolvimentos adicionais precisariam ser pensados à luz das séries complementares, modelo etiológico necessário para um esclarecimento propriamente

psicanalítico de diferentes formas de sofrimento psíquico, em particular do sofrimento depressivo.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatry Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Beck, A. T. & Alford, B. A. (2011). *Depressão – causas e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Brescansin, L. Y. (2016). *Contribuições ao estudo da formação do caráter na obra de Freud: O papel da identificação, da formação reativa e do Super-eu*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.
- Cavalheiro, G.; Tolfo, S. da R. (2011). Trabalho e depressão: um estudo com profissionais afastados do ambiente laboral. *Psico-USF*, 16 (2), 241-249.
- Ceccarelli, P. R. (2010). *A Patologização da Normalidade*. Estudos de Psicanálise: Aracaju, n.33, p.125-136, julho.
- Correio Braziliense. (2017). *Brasil é o país mais depressivo da América Latina, revela OMS*. Recuperado em 17 abr 2017, de http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2017/02/23/interna_ciencia_saude,576067/brasil-e-o-pais-mais-depressivo-da-america-latina-revela-oms.shtml
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Delouya, D. (2014). *Depressão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dicionário Aurélio Ferreira*. Recuperado em 10 mar 2017, de: <https://dicionariodoaurelio.com/depressao>.
- Duailibi, K.; Silva, A. S. M. da. (2014). Depressão: Critérios do DSM-5 e tratamento. *Revista Brasileira de Clínica e Terapêutica*, 40 (1), 27-32. Recuperado em 06 out 2016, de http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=5879
- Freud, S. (1996). *A interpretação dos sonhos* (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1900).
- Freud, S. (1996). *Obsessões e Fobia* (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).

- Freud, S.(1996). *A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses*(Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1896).
- Freud, S.(1996). *A etiologia da histeria* (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1896).
- Freud, S. (1996). *Projeto para uma psicologia científica* (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1996). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência.* (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1893).
- Freud, S. (1996). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1917).
- Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936).* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1930).
- Freud, S. (2010). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia: O caso Schreber – artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913).* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1912).
- Freud, S. (2010). *Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica.* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). *Luto e Melancolia.* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). *O Inconsciente.* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). *Os instintos e seus destinos.* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). *Tipos de adoecimento neurótico* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1912).
- Freud, S. (2011). *O Eu e o Id (1923-1925).* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1923).

- Freud, S. (2011). *Psicanálise e Teoria da Libido (1923)*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do Eu (1920-1923)*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (2014). *Conferências Introdutórias à Psicanálise (1916-1917)*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1917).
- Freud, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1926).
- Horwitz, A. V.; Wakefield, J. C. (2010). *A tristeza perdida: como a psiquiatria transformou a depressão em moda*. São Paulo: Summus.
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Kehl, M. R. (2003). O espetáculo como meio de subjetivação. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro. Recuperado em 24 de maio de 2017, de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/20102/14422>
- Laplanche, J.; Pontalis, J-B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Schoffen, I. M. (2014). *Considerações sobre o estatuto metapsicológico do trauma psíquico: uma re-visão em Freud*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.
- Silva, F. B. da (2015) *A noção de Das Ding (a coisa) nos primórdios da psicanálise freudiana*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.
- Simonetti, A. *O mal-estar contemporâneo*. Recuperado em 25 de maio de 2017, de <https://www.youtube.com/watch?v=6lVbJIKwtS8>.
- Souza, P. C. (2010). *As Palavras de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Velho, G. (2008). *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. (8a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- World Health Organization (2017). *Depression*. Recuperado em 17 abr2017, de http://www.who.int/mental_health/management/depression/en/
- Zimerman, D. (2008). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.